

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

LUIZ FELIPE MATTOS

O EMPREGO DE RECURSOS METALINGUÍSTICOS NO TWITTER

CURITIBA

2022

LUIZ FELIPE MATTOS

O EMPREGO DE RECURSOS METALINGUÍSTICOS NO TWITTER

The uses of metalinguistic resources on Twitter

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *campus* Curitiba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rossana Aparecida Finau

CURITIBA

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba**



LUIZ FELIPE MATTOS

O EMPREGO DE RECURSOS METALINGUÍSTICOS NO TWITTER

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 29 de Julho de 2022

Dra. Rossana Aparecida Finau, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Cristina Yukie Miyaki, Doutorado - Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Pucpr)

Dr. Roberlei Alves Bertucci, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 29/07/2022.

AGRADECIMENTOS

Elenco, neste momento, as pessoas que foram fundamentais durante esta caminhada. Peço, de antemão, sinceras desculpas às pessoas que fizeram parte de forma direta ou indireta de minha trajetória e que não foram citadas aqui. Com certeza, meus dias foram agraciados com as palavras de ânimo e incentivo para que eu trilhasse esta jornada até o fim.

Ao meu eterno amor, minha bisavó Emilia Gomes (*in memoriam*), minha eterna gratidão. Seus valorosos ensinamentos, sempre repletos de muito amor e doçura, me estimularam e me trouxeram até esse momento. Obrigado por confiar em mim e não medir esforços para estar ao meu lado diante de todos os desafios.

À Prof.^a Dr.^a Rossana Aparecida Finau, minha orientadora, que sempre direcionou e conduziu a construção deste trabalho com leveza e muito bom humor.

Aos professores Dr.^a Cristina Yukie Miyaki e Dr. Roberlei Alves Bertucci pela valorosa, atenta e crítica leitura desta pesquisa, podendo então trazer visadas contribuições teóricas a este trabalho. À Prof.^a Dr.^a Cristina de Souza Prim, pela participação e pelas ricas reflexões na qualificação.

Aos colegas e professores do PPGEL pela coragem ao enfrentarmos tempos de incerteza com muita confiança na ciência e no ensino gratuito de qualidade.

Aos amigos que me encorajaram a ingressar neste Programa ainda durante a graduação em Letras Português/Inglês na UNESPAR. À Prof.^a Dr.^a Alessandra Quadros-Zamboni pelo apoio, pelo incentivo e pelas palavras de carinho durante o tempo de elaboração do projeto que possibilitou meu ingresso neste Programa.

Aos meus pais e aos demais familiares que demonstraram apoio durante esta trajetória. Ao meu sobrinho e afilhado Thomas, como forma de incentivo para que não meça esforços em buscar constante crescimento pessoal e profissional.

Aos meus amores e amigos que estiveram ao meu lado, representados aqui por Aila Durval, Maria Clara de Moraes, Fábio Schulz, Mirelle Corrêa, Rosângela e Eduardo Simões, quando diante de tantas lágrimas, me oportunizaram risadas, conversas de afeto e palavras de encorajamento. À Paulo e Kátia Cerchiari, verdadeiros amigos que foram essenciais durante esta trajetória. Aos amigos da Licenciatura em Música da UFPR pelos momentos de alegria e satisfação que só a música pode proporcionar.

“A linguagem está de tal forma organizada que
permite a cada locutor *apropriar-se* da língua
toda designando-se como *eu*”.

(BENVENISTE, 1991)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a metalinguagem como tecnologia cognitiva e suas representações por meio da leitura e da escrita de *tweets*, postagens na rede social Twitter, onde ocorrem interações informais por meio da língua escrita. Para tanto, iniciamos nossas discussões com a articulação teórica sobre língua(gem) e tecnologia, atreladas pelo conceito de sistema proposto por Cupani (2004; 2011). A seguir, abordamos a proposta de Dascal (2002) na qual o autor considera a linguagem como tecnologia cognitiva. É importante refletirmos, de maneira conjunta, acerca do conceito de epilinguagem (CULIOLI, 1995; CULIOLI & NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019) como conhecimento não racional e inacessível pelo falante para, posteriormente, conceituarmos metalinguagem (AUROUX, 1992; JAKOBSON, 2010; FLÔRES, 2011) como conhecimento linguístico ordenado e exteriorizado por parte do falante. Em nossa pesquisa, defendemos a metalinguagem como ferramenta cognitiva, pois compreendemos que o falante seja capaz de refletir e analisar a língua por meio de suas representações, levando em consideração seu repertório linguístico a partir de determinado(s) contexto(s) (DASCAL, 2006). Como metodologia de coleta e análise de dados, optamos por uma abordagem de caráter descritivo e interpretativo com vistas à organização de *corpus* composto por *tweets* de usuários na rede social digital Twitter. Para a organização do *corpus*, coletamos *tweets* que abordassem quaisquer análises linguísticas realizadas no processo de engajamento feito pelos usuários com assuntos em comum. Assim, refletiremos sobre a manifestação linguística por parte dos falantes nos *tweets*, os quais têm o uso de caracteres limitados em sua produção. Nos textos sob análise, verificaremos as manifestações das atividades epilinguísticas e metalinguísticas, além de observarmos. Dessa forma, procuramos evidenciar como os conhecimentos epilinguístico e metalinguístico são mobilizados pelos interlocutores em caráter de enunciação. Os resultados apontados pela análise indicam o caráter técnico da epilinguagem por meio dos vestígios da atividade inconsciente na produção de *tweets*, se valendo da metalinguagem como tecnologia ao representar suas indagações linguísticas na rede social digital.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Cognitiva; Escrita; Metalinguagem; Twitter.

ABSTRACT

The present work aims to analyze metalanguage as a cognitive technology and its representations through the reading and writing of tweets - posts on the social network Twitter in which informal interactions occur through written language. Therefore, this work begins its discussions with the theoretical articulation of language and technology, linked to the concept of language as a system proposed by Cupani (2004; 2011), also showing the writing as a technology (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009). After that, we discuss Dascal's proposal (2002), in which the author considers language as a cognitive technology. It is important to stimulate reflection jointly on the concepts of epilanguage (CULIOLI, 1995; CULIOLI & NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019) as non-rational knowledge that is inaccessible to the speaker in order to later discuss metalanguage (AUROUX, 1992; JAKOBSON, 2010; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012) - the latter as linguistic knowledge ordered and externalized by the speaker at the moment of enunciation. In this research, the idea of metalanguage as a cognitive tool is defended, as it is understood that the speaker can reflect on the language through its representations, taking into account their linguistic repertoire from certain context(s) (DASCAL, 2006). As a methodology for data collection and analysis, we opted for a descriptive and interpretive approach to organizing a corpus consisting of tweets from users on the digital social network Twitter. For the composition of this corpus, tweets that addressed any linguistic analysis made by users were collected. Thus, this research reflects on the manifestation of metalinguistic knowledge in tweets, noting that this media has limited characters and, thus, it may be interesting to find out how the speaker can think about the uses of the language and try to expose them even with the limitation of this type of writing. To do so, we observe the understanding and inquiry creatively made by the speakers. The results indicated by the analysis show the technical nature of epilanguage through the traces of unconscious activity in the production of tweets, using metalanguage as a technology to represent their linguistic reflections in the digital social network.

KEYWORDS: Cognitive Technology; Writing; Metalanguage; Twitter.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – <i>Tweet</i> de novembro de 2020	59
FIGURA 02 – <i>Tweet</i> de novembro de 2020	60
FIGURA 03 – <i>Tweet</i> de fevereiro de 2022	61
FIGURA 04 – <i>Tweet</i> de junho de 2021	62
FIGURA 05 – <i>Tweet</i> de outubro de 2021	63
FIGURA 06 – <i>Tweet</i> de outubro de 2021	64
FIGURA 07 – <i>Tweet</i> de julho de 2020.....	65
FIGURA 08 – <i>Tweet</i> de novembro de 2021	66
FIGURA 09 – <i>Tweet</i> de junho de 2020	67
FIGURA 10 – <i>Tweet</i> de dezembro de 2019	68
FIGURA 11 – <i>Tweet</i> de dezembro de 2020	69
FIGURA 12 – <i>Tweet</i> de fevereiro de 2022	70
FIGURA 13 – <i>Tweet</i> de fevereiro de 2022	71
FIGURA 14 – <i>Tweet</i> de junho de 2019	72
FIGURA 15 – <i>Tweet</i> de maio de 2022	73
FIGURA 16 – <i>Tweet</i> de agosto de 2021.....	74
FIGURA 17 – <i>Tweet</i> de junho de 2021	75
FIGURA 18 – <i>Tweet</i> de julho de 2018.....	76
FIGURA 19 – <i>Tweet</i> de dezembro de 2021	76
FIGURA 20 – <i>Tweet</i> de julho de 2020.....	77
FIGURA 21 – <i>Tweet</i> de março de 2020	78
FIGURA 22 – <i>Tweet</i> de junho de 201	78
FIGURA 23 – <i>Tweet</i> de setembro de 2020	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 INTERFACES ENTRE LINGUAGEM E TECNOLOGIA	13
2.1 O homem, a técnica e a tecnologia	13
2.2 O homem e a linguagem	17
2.3 A língua: uma conceituação plural	18
2.4 Escrita como uma tecnologia	23
2.5 Homem, escrita e redes sociais digitais	25
2.6 Síntese dos assuntos discutidos	27
3 EPILINGUAGEM E METALINGUAGEM COMO TÉCNICA E TECNOLOGIA	29
3.1 Linguagem como tecnologia cognitiva.....	29
3.2 Linguagem e seus processos (a epilinguagem e a metalinguagem)	36
3.3 Metalinguagem como prática de interação social	45
4 DO CAMINHO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE	54
4.1 Delimitação do <i>corpus</i> e metodologia.....	54
4.2 As reflexões epilinguísticas e metalinguísticas	56
4.3 Início da análise e discussão de dados	58
4.3.1 Dados com reflexão sobre a relação fonema-grafema	59
4.3.2 Dados de reflexão morfológica	65
4.3.3 Dados com reflexão sintática	72
4.3.4 Dados com reflexão semântico-pragmática.....	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

A inspiração para discutir e pesquisar sobre a metalinguagem surgiu durante as discussões feitas em sala de aula, especificamente nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Interfaces entre Linguagem e Tecnologia (o nome do primeiro capítulo deste trabalho, uma homenagem à disciplina) e Processos de Produção de Sentido em Diferentes Linguagens. A vontade em ressaltar a importância dos estudos sobre epilinguagem e metalinguagem, especialmente, vinculados a temas que envolvessem a tecnologia, fizeram-nos refletir em quais materiais seriam valiosos em dados para que pudessemos realizar a análise e como esses seriam interessantes a ponto de serem discutidos e articulados com as teorias da área de linguagem e tecnologia. É bastante relevante ressaltarmos a importância das pesquisas voltadas à metalinguagem e suas interfaces com a tecnologia (BERTUCCI, 2018; SILVA, 2019; SOUZA; BERTUCCI, 2020), buscando articular não só os importantes conceitos e áreas, mas sim, levando em consideração do falante ao valer-se da reflexão linguística com determinados propósitos, sejam eles de influenciar, persuadir, autorregular-se, etc.

Em um momento epifânico, então, decidimos usar os *tweets* como objeto de estudo. Ao usar as postagens da rede social Twitter para analisar, levamos em consideração a capacidade do falante em projetar (VIEIRA PINTO, 2013) e planificar (CUPANI, 2004) suas indagações, ou seja, o autor do *tweet* precisa criar determinada projeção do pensamento linguístico e planejar como determinada indagação sobre a língua pode ser indicada em um número limitado de caracteres em sua postagem e por isso, conseguimos refletir sobre uma possível relação entre linguagem e tecnologia. Para nós, essa proposta está diretamente ligada à tese de Dascal (2002), na qual ele defende a linguagem como tecnologia cognitiva, pois conseguimos, de forma quase instantânea, monitorar, adequar e selecionar padrões linguísticos que atendam determinados contextos, ou seja, usar a língua para desempenhar dada tarefa cognitiva. Além do mais, a linguagem não está delimitada a isso: ela pode, de maneira infinita, atender aos interesses do falante.

Durante as discussões deste trabalho, defendemos a escrita como tecnologia, baseados nas ideias de Aurox (1992), Coulmas (2014) e Gnanadesikan (2009). Ao defendermos a escrita como um artefato, levamos em consideração a ideia de que,

assim como Gnanadesikan (2009), a escrita serve para fixar determinado pensamento, podendo tornar-se um símbolo ou uma memória. Entendemos que, baseados nas ideias de Gnanadesikan (2009), a escrita é a representação da língua, um marcador tangível que possibilita, à frente, a construção do *tweet*, viabilizando ao falante tornar a língua estável, nítida, para todos os leitores que querem acompanhar sua ideia. Isso proporciona às demais pessoas que fazem uso da rede social digital que colaborem com o raciocínio linguístico, podendo contribuir com outros exemplos, conceitos e demais análises sobre a língua. Nesses casos, os autores interpelam a ela: a metalinguagem.

Descrever as atividades epilinguísticas e metalinguísticas neste trabalho foi um desafio, dadas as grandes complexidades apresentadas pelas teorias. Discutir a epilinguagem foi necessário, e para isso seguimos as ideias de Culioli (1968; 1995) e Culioli e Normand (2005), para entender como o saber epilinguístico do falante acontece. O autor do *tweet* não se dá conta da reflexão epilinguística, mas ela acontece quando faz uso da linguagem. Por fim, verificaremos se hipótese de que os falantes se valem dos conhecimentos epilinguístico e metalinguístico e se de fato, isso reflete na representação por meio da escrita na rede social Twitter para expressar suas reflexões linguísticas.

Nessa perspectiva, juntamente com as ideias propostas por Jakobson (2010), defendemos que qualquer falante é capaz de produzir metalinguagem, o sistema intralingual, a língua por si mesma. A atividade metalinguística, para nós, leva em consideração não só a conceituação de determinado do termo propriamente dito; mas, aliados às ideias de Flôres (2011) e Flôres e Gabriel (2012), decidimos observar a metalinguagem como uma prática social, afinal, o falante precisa de significados para falar determinada língua. Assim, as ações de descrever, explicar, analisar e exemplificar os fatos linguísticos abordados pelos exemplos são, para nós, ações de metalinguagem. Então, o título deste trabalho se refere a não só como o falante faz uso de reflexão metalinguística, mas sim, de que maneira o autor do *tweet* faz uso dessa atividade como recurso tecnológico sob perspectiva cognitiva.

Sem mais delongas, propomos organizar nossa pesquisa dividida em três capítulos. No capítulo 02, procuraremos abordar as ideias da relação entre tecnologia e linguagem, articulando-as com a conceituação de sistema proposta por Cupani (2004; 2011), de modo que pudéssemos defender que as línguas naturais podem ser consideradas tecnologia. Ainda assim, apresentaremos as visões de

tecnologia com um enfoque filosófico e ontológico, procurando também abordar acerca de como o ser humano faz uso da linguagem para criar um mundo pela representação, fazendo do homem um animal simbólico (CASSIRER, 2012). Atrelado a isso, abordaremos a escrita como a representação materializada pela língua (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009) e como esta, assim como a língua, pode ser considerada uma tecnologia. Ao fim, discorreremos sobre o homem, a tecnologia e as redes sociais digitais (RECUERO, 2009) e citamos, em especial, o Twitter.

No terceiro capítulo, conceituaremos e exemplificaremos as atividades epilinguística (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019) e metalinguística (JAKOBSON, 2010; NASCIMENTO, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA; BERTUCCI, 2020) para, posteriormente, defendermos a ideia de (meta)linguagem como uma ferramenta cognitiva (DASCAL, 2002). Propomos, ainda além, uma abordagem que leva em consideração a tese de Dascal (2002), a possibilidade de observar como as línguas naturais podem ser vistas como tecnologia cognitiva e como isso se articula diretamente com a produção de um *tweet*.

No último capítulo, buscaremos exemplificar por meio de *tweets* as intercorrências dos raciocínios de epilinguagem e metalinguagem como tecnologia cognitiva por meio de postagens no Twitter, ou seja, usando o recurso escrito. Por meio de vinte e três *tweets*, analisaremos e descreveremos como o falante faz uso da ferramenta e por fim, procuramos defender a ideia de que, o falante, por meio da escrita pode analisar, descrever e conceituar fatos sobre sua própria língua recorrendo à metalinguagem. Como recurso metodológico para coleta e análise de dados, optamos por uma abordagem de caráter descritivo e interpretativo, estes que possibilitarão considerar como os falantes se valem das reflexões epilinguísticas e como são representadas por meio da metalinguagem, descritas e elencadas por terminologias e categorias da gramática escolar.

Por fim, como resultados esperados, pretendemos investigar se é possível observar a atividade de epilinguagem sendo apresentada por meio de usos metalinguísticos. Verificaremos, por meio dessa análise dos dados propostos, que os autores das postagens são capazes de fazer uso da atividade metalinguística

usando a escrita como ferramenta e ainda assim, é competente ao usar o *tweet* como recurso de interação com outros falantes.

2 INTERFACES ENTRE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Durante a discussão deste capítulo, nossa proposta é articular os conceitos de tecnologia, língua e redes sociais. Para isso, discorreremos sobre como a tecnologia e o homem¹ sempre estiveram atrelados, além de buscarmos uma conceituação para sistema, conceito este que nos permite veicular tecnologia e língua(gem). Após esta discussão, a intenção é abordar como a linguagem intermedeia todo o processo de socialização do homem, juntamente com tecnologia e língua. Aliada às línguas, buscaremos esclarecer como a escrita se configura como uma tecnologia e como estabelece parâmetros de representação, não só simbólica, mas também, linguística (a escrita), importante para que o ser humano se insira nas redes sociais digitais e utiliza esta ferramenta como um meio de expressão linguística. Ao fim, descrevemos o Twitter como rede social digital e também o uso do recurso *tweet* como uma forma de representação linguística.

2.1 O homem, a técnica e a tecnologia

Ao discorrer sobre a tecnologia, Cupani (2011, p.11) retrata que “a importância da tecnologia [...] implica que todos somos levados a pensar, de modo mais ou menos sistemático e duradouro, sobre a sua presença na nossa vida”. Para o autor (2011), a organização do pensamento sobre a tecnologia sempre esteve presente na existência humana e em sua vida. Sendo assim, baseados nas propostas de Cupani (2004; 2011) e Ortega y Gasset (2009), a tecnologia é a viabilização da vontade de adaptar os recursos naturais ao homem.

Entendemos que, para que o homem produza tecnologia, ele utiliza a técnica (aqui para nós, atos técnicos). Segundo Cupani (2004), essa atitude, ou então, o saber fazer é a *técnica*. Para Ortega y Gasset (2009), os atos técnicos são “específicos do homem” (p. 31), sendo a técnica “o conjunto deles”. Ainda seguindo as proposições de Ortega y Gasset (2009), percebemos que a técnica é a “reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação das suas necessidades” (p. 31) Em consonância às ideias de Ortega y Gasset (2009), abordamos que Cupani

¹ Utilizaremos os termos *ser humano* e *homem* como sinônimos. Ambos [os termos] se referem ao ser humano como indivíduo dotado de inteligência, das quais se apropria de uma língua e de uma cultura para que possa conviver em sociedade e compartilhar seus valores (HALL, 1997).

(2011, p. 32) se refere à técnica como “a invenção de um procedimento que nos permite obter o que não há na Natureza, mas de que precisamos”. Por fim, Cupani (2004) afirma que “a técnica e a tecnologia caracterizam-se pela existência de uma *planificação*, ainda que mínima. Em nossa perspectiva, a planificação permite ao ser humano a possibilidade de estabelecer um plano, um direcionamento ou “roteiro” para atingir determinado fim. Assim, técnica e tecnologia supõem um objetivo preciso” (p. 495, grifo do autor). Entendemos a planificação neste caso como o planejamento; pensar sobre. A tecnologia e a técnica estão atreladas à motivação de produção de algo novo.

A partir do caráter técnico, o homem produz aquilo que a ele é útil, ou seja, aquilo que tem alguma utilidade, o artefato. O homem cria o artificial na ânsia de adaptar a natureza para a supressão de suas necessidades, e para Cupani (2011, p.14), “o artificial é aquilo que resulta da arte ou *techne*, *distinguido do natural*” (grifo nosso). Entendemos que, para o homem, o natural, aquilo que é dado pela natureza, não supre suas necessidades de bem-estar e, então, ele cria o artificial, ou então, o artefato. Propomos a relação de Cupani (2011, p. 14) acerca do caráter técnico da produção do artificial, pois conforme o autor, “a produção quanto a utilização dos artefatos supõe a aquisição de *habilidades*”, aquilo que ao homem é hábil, ao que desenvolve em consequência de determinada prática. Cupani (2011) estabelece que a tecnologia não se limita ao artefato, ferramenta ou objeto tecnológicos, mas propõe uma reflexão acerca de “uma atitude e uma mentalidade tecnológicas” (p. 12).

Segundo Cupani (2011), “o ser humano produz o que não estava na Natureza, absoluta ou relativamente” (p. 32), ou seja, a tecnologia surge pautada sobre a técnica, o saber fazer. Para tanto, Cupani (2004) aborda uma distinção clara entre técnica e tecnologia:

Para tanto, a técnica, como a tecnologia, supõem conhecimentos, já disponíveis ou novos. A técnica serve-se do saber vulgar tradicional, eventualmente impregnado de saber científico que não é reconhecido como tal. A tecnologia recorre explicitamente ao saber científico (dados, leis, teorias) [...] (p. 495).

Acerca dessa necessidade do homem, referida por Ortega y Gasset (2009) como necessidade de produzir o supérfluo, surgem os artefatos e objetos tecnológicos, usados pelo homem para que suas vontades (ou volição, conforme cita

Cupani [2011, p. 21]) sejam sanadas, e por outra perspectiva, poupa esforços do homem para a realização ou manutenção de determinados serviços. Os objetos tecnológicos, tais como os eletrodomésticos, os carros, os aviões, os aparelhos de raio-x, os navios, os computadores, os celulares, os *tablets* e a própria *internet* nascem pela vontade do homem de sobreviver em uma natureza que lhe é hostil. Torna-se evidente a necessidade do homem em, além de adaptar a natureza para si, também ampliar e projetar suas relações sociais, pois “isso implica estabelecer outro sistema de relações sociais e utilizar em combinações originais as relações entre corpos da natureza, de acordo com as propriedades deles apreendidas pelo espírito e representadas pelas ideias” (VIEIRA PINTO, 2013, p. 54). É pela ideia de projetar-se, planejar e idealizar determinado propósito que evidenciamos o uso das redes sociais digitais no cotidiano dos relacionamentos. A tecnologia, segundo Cupani (2004; 2011) é uma das propriedades humanas; esta, é usada como forma de aumentar a amplitude dessas relações.

A tecnologia não se resume aos sistemas e objetos tecnológicos. Uma corda, transformada em um varal, é um exemplo de tecnologia. Cupani (2004) compreende que toda técnica que resulta na “produção de algo artificial” (p. 495), ou seja, um artefato. Sendo esta corda um artefato, ela se torna um sistema no que compreende a utilização de tais elementos para que este gere uma tecnologia: uma corda se torna um varal para pendurar e secar roupas. Segundo as ideias de Cupani (2004; 2011), exemplos claros são também os sistemas tecnológicos, *softwares* ou *sites* utilizados para determinados controles, gerenciamentos e administração de produtos ou serviços. Associados às ideias de Recuero (2009), a tecnologia é aliada ao pensamento e às ações sociais do ser humano são as redes sociais, acessórias às ideias, concepções e manifestações do homem no meio social, parte desse universo tecnológico.

Sendo assim, optamos em abordar a tecnologia como “uma realidade polifacetada: não apenas em forma de objetos e conjuntos de objetos, mas também como sistemas, como processos, como modos de proceder, como certa mentalidade” (CUPANI, 2011, p.12), pois escolhemos elencar a tecnologia como um sistema sendo um fator de linearidade para articulação e desempenho, até mesmo, de controle (CUPANI, 2011, p. 221). Outro sistema tecnológico também abordado durante nossas discussões serão as redes sociais digitais, comunidades *on-line* onde usuários exprimem suas atividades rotineiras, fotos, vídeos e compartilham

seus momentos. Procuramos uma aproximação entre os conceitos de língua e tecnologia que se dá como um sistema pela articulação humana em usar tanto a tecnologia quanto a língua para adaptar o meio à sua vontade. É por isso que, para nós, *a língua* se configura como um sistema consoante às ideias propostas por Cupani (2004; 2011), sistema este um modo metódico de organização, rede de elementos independentes que se liga para criar um todo.

O homem, por meio da língua, expande suas relações sociais, podendo inclusive, utilizar-se da tecnologia digital para tal. O ser humano usa as diversas ferramentas para moldar o natural ao seu redor, podendo assim *projetar*, algo que faz parte da essência do homem. Segundo Vieira Pinto (2013), “projetar consiste no modo de ser do homem que se propõe a criar novas condições de existência para si” (p. 54). É baseado em sua capacidade de projetar, de construir projetos, o homem apropria-se do universo simbólico para adequar as situações a si. Nas considerações de Vieira Pinto (2013), “o projeto é na verdade a característica peculiar, porque engrenada no plano do pensamento, da solução humana do problema da relação do homem com o mundo físico e social” (op. cit.: 55). O homem cria um horizonte de projeção (AUROUX, 1992, p. 11), fazendo da língua sua melhor ferramenta para projetar e planejar. À frente, levamos em consideração a capacidade do ser humano em, ao usar as redes sociais digitais e usar-se dos recursos dispostos, o falante necessita projetar o que deverá ser escrito e planejar a melhor forma de indicar suas indagações.

Ao fim desta seção, conceituamos técnica e tecnologia e a partir da visão tecnológica polifacetada (CUPANI, 2011), buscamos articular a ideia de língua à tecnologia, ambas como recurso à volição do ser humano de adaptar o meio para si. Antes de destacarmos as conceituações de língua e articularmos esses conceitos à ideia de tecnologia, levamos em consideração a importância de abordar a linguagem como um “atributo próprio da humanidade” (AUROUX, 2009, p. 11), o que para nós, se articula com a ideia de tecnologia. Ao defender a linguagem² como um atributo humano, também afirma (2009, p. 08) que “cada um de nós se encontra imerso na linguagem como em seu lugar natural, ali onde dominamos nossa presença no

² Durante a discussão deste trabalho, utilizaremos os termos linguagem ou faculdade da linguagem norteados pelas propostas de Saussure (2008) como “exercício da linguagem [que] repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza”. Para Chomsky (1968), a faculdade da linguagem é inata ao ser humano, ou seja, a faculdade da linguagem é intrínseca ao homem.

mundo e nossa humanidade”, ou seja, a linguagem sempre esteve atrelada ao ser humano.

2.2 O homem e a linguagem

“A linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1991, p. 285). Assim como a tecnologia, o que diferencia o ser humano dos outros animais é a linguagem (JANSON, 2015). Nossa discussão parte do pressuposto de que a tecnologia e a linguagem estão ligadas ao homem por meio de uma perspectiva ontológica, ambas voltadas ao ser humano e ao seu convívio em sociedade. Para Janson (2015, p. 15), “é natural pensar que o que define os seres humanos é o fato de possuírem linguagem”.

Entendemos que a linguagem é o que torna o ser humano diferente dos outros seres. Segundo Flores (2019, p. 44), “vincular homem e linguagem não é uma atitude nova”, permitindo ao homem não só utilizar a linguagem como uma maneira de diferenciar o ser humano na natureza, mas também a capacidade de utilizá-la para simbolizar, criar símbolos. Na condição humana de criar símbolos, levamos em consideração que Cassirer (2012) aborda a diferença entre os sinais e os símbolos, defendendo então que o símbolo é exclusivo ao ser humano. No que se refere à linguagem, Sapir (1929 *apud* Lyons, 1981, p. 17) defende que “a linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”. Por ser o homem um animal, este não está livre da comunicação por sinais, a própria dor é um sinal fisiológico para indicar que algo no corpo humano não está indo bem. A ligação não arbitrária se dá em relação à dor quando ela acontece ligada a algo que não está fluindo bem no organismo. Entendemos que os sinais são instintivos, mas os símbolos, criados pelo ser humano, podem ser interpretados (tal como os sinais). Ambas as interpretações são guiadas pela linguagem. Para nós, a linguagem se faz uma característica puramente humana, pois, para ao homem, foi dada a “capacidade de falar e nomear” (JANSON, 2015, p. 15). A capacidade de usar a linguagem para dar nome às coisas conceituá-las e explicá-las ou ainda assim, para valer-se de metalinguagem é exclusiva ao ser humano.

“A linguagem está na natureza do homem” (BENVENISTE, 1991, p. 285) e é o que faz dele ser um animal simbólico (CASSIRER, 2012, p. 51). Para nós,

tecnologia e linguagem são propriedades puramente humanas. Atribuimos ao homem a linguagem e seu funcionamento simbólico devido aos juízos de valores que nela [a linguagem] podem ser encontrados. Para Cassirer (2012, p. 48), “o homem vive em um universo simbólico”. Ainda segundo o autor, “o homem não pode mais confrontar-se com a realidade imediatamente; não pode vê-la, por assim dizer, frente a frente” (p. 48). O homem faz do simbólico a sua realidade e, para isso, precisa de uma ferramenta para torná-la possível, por isso levamos em consideração que por meio da linguagem “é inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico estão entre os traços mais característicos da vida humana” (CASSIRER, 2012, p. 51).

Entendemos que, pelas teorias articuladas até então, é a linguagem que diferencia o ser humano das outras espécies (JANSON, 2015), fazendo dela um recurso para criar símbolos (CASSIRER, 2012) e usa a língua como ferramenta para se comunicar e experienciar o mundo (SAPIR, 1929 *apud* Lyons, 1981). Para nós, é por intermédio da língua que o homem se faz e refaz homem, é pela língua que o homem simboliza e se cria. “é nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (BENVENISTE, 1991, p. 285). Ao fim, é necessário estar claro como homem e linguagem estão intrinsecamente ligados e como operam para que a linguagem crie símbolos, usando então a linguagem seu recurso mais genuíno para organizar suas representações em signos.

2.3 A língua: uma conceituação plural

É pela língua que o ser humano se comunica, expressa ideias, sentimentos e emoções (SAPIR, 1929 *apud* Lyons, 1981). Entendemos que, no meio da compreensão linguística, articulamos nossos pensamentos, instituímos nossos grupos sociais (JANSON, 2015) e construímos nossa história, expressão clara de que o ser humano se reinventa a todo tempo por meio do uso linguístico. Sob a luz de diversos teóricos e suas concepções de língua, utilizaremos alguns desses conceitos onde levantamos indícios que apresentem uma aproximação entre uma possível descrição de língua como uma tecnologia cognitiva.

Na seção anterior, pudemos entender como homem e tecnologia estão vinculadas, sendo a tecnologia uma condição humana. Ainda na discussão feita anteriormente, procuramos articular a ideia de que, *assim como a tecnologia, a*

língua também é um sistema. Para isso, trouxemos várias conceituações de língua que afirmam tal perspectiva.

O conceito de língua possui diversidade entre as mais distintas teorias linguísticas, mas todas com vários pontos em comum. Segundo Saussure (2008, p. 14), “tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons”. Ao abordar os fatores psicológicos da língua, o autor ressalta que a língua deriva de processos mentais pertinentes ao ser humano, ou seja, uma série de capacidades cognitivas. Indo além, Saussure (2008, p. 17) diz que a língua é um produto social ligado à faculdade da linguagem, “um conjunto de convenções necessárias acordadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Nesse sentido, entendemos que a língua não depende apenas de fatores inerentes ao ser humano, no caso, a faculdade da linguagem; percebe-se então o caráter social da língua, o que capacita e possibilita o ser humano a integrar-se em seu meio social. Sobre o caráter social da língua, o autor (2008, p. 95, grifo nosso) ressalta que a língua “é um *sistema* livre, organizável à vontade, dependendo unicamente de um princípio racional. Seu caráter social, considerado em si mesmo, não se opõe precisamente a esse ponto de vista”. Nas discussões propostas por Saussure (2008, p. 17), a língua é multiforme e heteróclita, constituindo “algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural”. Diferente da faculdade da linguagem (inato ao ser humano), a língua é adquirida no meio social, fruto de uma convenção social (op. cit.: 18) que possibilita ao homem interação com seus grupos em sociedade e, para Cassirer (2012), *faz possível a capacidade simbólica*. Nas definições acima apontadas, língua e prática social estão indubitavelmente ligadas, o homem precisa da língua para conviver em sociedade. Retomando as ideias de Saussure (2008), a língua se organiza e se articula por meio de acordos tácitos e convencionados por seus falantes (o lado social da língua). Dessa forma, entendemos que a língua não se reduz apenas aos seus processos mentais (ou, para Saussure, psicológicos); mas, esta também se constrói socialmente.

Propomos, então, uma articulação entre os conceitos de linguagem e tecnologia, partindo das ideias de Cupani (2004) sobre a tecnologia e Saussure (2008) sobre a língua, onde na concepção acerca da tecnologia, similarmente estabelecida como uma planificação mental, portanto, psicológica; assim como a língua, a tecnologia também sendo um construto social e arbitrário, pois, embora a

tecnologia também possa ser estruturada com uma proposta de uso, a língua muda e recebe o significado a partir desses usos. Nas citações abaixo, grifamos conceituações que podem, de fato, veicular o conceito de língua com a ideia de sistema. Traremos agora, algumas discussões de teóricos da área, os quais se utilizam de conceituações para explicar e analisar (recurso metalinguístico) o termo *língua*.

Ainda segundo Saussure (2008, p.17), a língua é um produto social ligado à faculdade da linguagem, “um conjunto de convenções necessárias acordadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

De acordo com Azeredo (2000) e também em conformidade com os pensamentos de Cassirer (2012),

a língua, é claro, não é apenas um meio de comunicação; ela é, antes de tudo, **um sistema** de categorias que permite ao homem **organizar** o mundo em uma estrutura dotada de sentido. [...] Noutras palavras, o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas **estruturado** por meio das categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento (2000, p. 15-16) [grifo nosso].

Conforme Marcuschi e Dionísio, a língua

é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura. A língua é uma prática social que produz e **organiza** as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento (2007, p.14) [grifo nosso].

Para Benveniste,

a língua forma um **sistema** [...] A língua é um arranjo **sistemático** de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura. [...] É o sistema que é preciso destacar e descrever (1991, p. 22 – 23) [grifo nosso].

Destacamos, nas citações utilizadas acima, aspectos que articulam os conceitos que defendem a língua como um sistema. Para nós, essa aproximação se faz clara, pois, assim como a tecnologia, a linguagem possui um caráter ordenado e sistemático. Para Antunes (2009), a língua

é provida de uma dimensão imanente, aquela própria do **sistema em si mesmo**, do sistema autônomo em potencialidade, conjunto de recursos disponíveis; algo pronto para ser ativado pelos sujeitos, quando necessário. Por outro lado, a língua comporta a dimensão de **sistema em uso** [...]. Uma língua que, mesmo na condição de sistema, continua fazendo-se, construindo-se (p. 21, grifos da autora).

Para tanto, a língua funciona como um sistema interdependente, possibilitando funcionar dentro de si mesma, mas também com construtos advindos de situações exteriores. Tal qual a possibilidade do homem simbolizar através do sistema linguístico, mas também, de atribuir determinada valoração ao que circula dentro de sua própria língua. É neste ponto que defendemos a língua como uma tecnologia: ao fazer uso dela, o animal simbólico (CASSIRER, 2012) busca nos sistemas uma maneira de organizar e planejar (VIEIRA PINTO, 2013).

A partir da ideia de sistema, abordamos como a ideia de Saussure define a língua como “um sistema de signos que exprimem ideias” (op. cit.: 24). Para o autor, “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”, não unindo “uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (op. cit.: 80). Saussure, inclusive, utiliza-se de uma metáfora comparando a língua com uma moeda, afinal, o conceito e a imagem acústica são indissociáveis, um sempre existirá em dependência do outro. A discussão de Saussure propõe o conceito do signo linguístico como *significado*, é a ideia de algo em relação às suas propriedades. Saussure aponta a imagem acústica como *significante*, ou seja, é a representação psíquica e fonológica em relação ao signo. Segundo o autor, o falante associa qual conceito deve ser evocado quando o signo é proferido.

Seguindo a discussão de Saussure, o signo linguístico é imotivado, ou seja, “arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem laço natural na realidade” (op. cit.: 83), assim como para nós, tal qual a tecnologia. Não existe nenhuma ligação, direta ou indireta, entre a sequência sonora por /árvore/ e o vegetal de aspecto rústico formado por caule, folhas e raiz. Existe uma associação do significado do signo linguístico em relação ao significante ou vice-versa, tal associação é convencionalizada, ou seja, está relacionada ao uso. Finalizando sua citação, Saussure diz que nunca se consulta a massa social para escolher o significante escolhido pela língua para ser substituída por outro. Nenhum signo é escolhido ou imposto, este [o signo] depende de acordo tácito subordinado ao uso arbitrário e aceito pela comunidade linguística.

É pela língua que atribuímos valor ao simbólico, assim como na tecnologia. O signo é composto das propriedades: o significado e o significante. Para Saussure, o valor linguístico se dá pelo (i) “*dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra coisa cujo valor determinar” ou pelos (ii) “*semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa” (p. 134). Para exemplificar as ideias de Saussure, usaremos a palavra em inglês *language*, que para nós, falantes de Língua Portuguesa, possui duas traduções diretas: língua e linguagem. A palavra *language* possui mais valorações atribuídas a si, cabendo ao falante determinar qual deve ser utilizado e veiculado naquele momento ou contexto. Para Saussure (2008, p. 133), “visto a língua ser um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea dos outros”, a ordem linear da língua é essencial para a construção do sentido em relação à ordem sistemática e funcional dos outros signos.

Para Saussure, “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (2008, p. 85), tal qual a tecnologia na discussão deste trabalho. Como já dissemos anteriormente, a língua é histórica. Ainda segundo o autor, a língua é um “produto herdado” de gerações. “A cada instante a linguagem implica, ao mesmo tempo, em ser formada um sistema estabelecido e por uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (p. 16). Por essa discussão, Saussure aborda a imutabilidade do signo linguístico, sendo resistente às substituições que possam ser impostas a ele. “A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação” (op. cit.: 88). Se a perpetuação da língua acontece, então como é realizada? Saussure responde a essa pergunta dizendo que conhecemos a língua somente pelas representações ocasionadas pela escrita.

Gnanadesikan (2009, p. 02, tradução nossa) afirma que “a escrita é uma das invenções mais importantes de todos os tempos”. Para nós, aliados às colocações da autora, a escrita é a forma de linguagem concreta que possibilita retratar determinada língua, mas também serve para fixar a linguagem (GNANADESIKAN, 2009). Sendo assim, apresentaremos a escrita como representação linguística, fazendo uso da metalinguagem como uma ferramenta para que possa materializá-la [a escrita]. A seguir, ao defender a escrita como uma tecnologia, também defendemos a metalinguagem como uma ferramenta cognitiva, pois para que a escrita aconteça, o falante precisa refletir sobre sua própria língua.

2.4 Escrita como uma tecnologia

Assim como defendemos anteriormente que a língua pode ser considerada uma tecnologia, ou seja, um conjunto de sistemas que atendam às necessidades humanas, argumentamos que a escrita pode sim ser uma tecnologia. Gnanadesikan (2009, p. 04, tradução nossa) afirma que a “escrita é uma transformação da linguagem, uma tecnologia aplicada a ela, não a linguagem por si mesma”. A escrita fixa a linguagem (AUROUX, 1992, p. 23).

Entendemos a escrita como a representação linguística, o objeto concreto da língua (SAUSSURE, 2008, p. 33). Coulmas (2014, p. 55) defende que a escrita possui duas funções: ela é simbólica e instrumental. Ao aproximar as funções da escrita com as ideias de símbolo apresentadas por Cassirer (2012), entendemos que a função simbólica da escrita possibilita ao ser humano a capacidade de dar valor à escrita, assim como dá valor à língua falada. Como exemplo, citamos a importância de documentos escritos e impressos para a sociedade atual. Coulmas (2014, p. 79) afirma que a “escrita tem uma influência formativa sobre a língua”, ou seja, para nós pode representar o factual, uma estrutura material.

Em sua segunda função, a escrita pode ser instrumental por existir para determinado fim. O autor (2014, p. 74) afirma que “a escrita, assim, é uma ferramenta para o desenvolvimento da língua”, recurso que pode ser importante para o desenvolvimento cultural ou social, por exemplo. Neste aspecto, reforçamos a ideia da escrita como uma tecnologia que representa a parte sistêmica, ou seja, a língua. Trazemos como exemplo o fato de que a linguagem é inata ao homem; a escrita deve ser aprendida. Em termos gerais, a escrita não só é capaz de representar uma língua, permitindo ao ser humano se valer desse recurso para atribuir símbolos a ela, interagir socialmente (adiante, nas discussões sobre as redes sociais digitais) e perpetuar suas ideias (AUROUX, 1992).

Indo além, Coulmas (2014, p. 134) afirma que “a escrita é uma forma de comunicação indispensável na sociedade contemporânea, [...] repleta de significado social”. À frente, nossa análise se inicia em como o falante usa a metalinguagem como ferramenta nas redes sociais, utilizando a escrita para tal. Segundo Coulmas, “os sistemas de escrita são parte integrante do processo social e, portanto, nunca passíveis de se moldar em termos puramente científicos” (p. 154). A escrita acompanha o homem em sua evolução social e faz com que ele evolua juntamente

com o meio onde vive. Ao viés tecnológico, a escrita, para Coulmas (2014) é um artefato, já que foi inventada visando determinada utilidade, usando caráter técnico. A função da escrita na sociedade contemporânea é, sem dúvida, importantíssima nas diversas instâncias, pois

como instrumento [é] indispensável da organização social, da execução do poder e do lucro econômico, a escrita tem moldado o mundo tal como ele é hoje, e nada sugere que outra inovação tecnológica venha superá-la num futuro previsível (2014, p. 161)

Por fim, Auroux (1992, p. 20) defende que a escrita “é um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística”. Como metalinguagem, a escrita não é espontânea; a escrita depende de uma “transferência tecnológica” (AUROUX, 1992, p. 21). Para nós, a escrita é uma atividade metalinguística. Bagno (2015, p. 228) afirma que a metalinguagem é a “reflexão sobre a língua”, ou seja, para escrever o homem precisa pensar sobre os fenômenos linguísticos para representá-los por meio da escrita.

Sendo assim, a metalinguagem se configura como uma ferramenta, ou seja, o falante é capaz de, por exemplo, reescrever a ideia principal de outra forma; isso corrobora com a ideia de que a escrita é uma tecnologia. Não duvidamos do caráter tecnológico da escrita, pois por seu intermédio, a língua projeta em objeto concreto suas propostas e permite ao homem simbolizar, por meio da metalinguagem. Ao homem cabe utilizar-se de sua língua para ampliar seu círculo e seus relacionamentos, esses, podendo ser expandidos por meio das tecnologias que criam assim como as redes sociais.

No que tange a escrita como tecnologia (COULMAS, 2014), ainda observamos a escrita como uma representação de metalinguagem. Nesse sentido, damos importância às ideias de Auroux (1992, p. 17) quando considera a metalinguagem como “o domínio da escrita”. Para o autor, esses domínios são consequências de técnicas para que determinada prática obtenha “competências específicas”. A escrita, o saber metalinguístico constituído (AUROUX, 1992, p. 16), deriva de um *pensar sobre* a linguagem. A escrita, nesse sentido, se torna de fato uma representação desse saber linguístico, como já dito anteriormente. Nesse caso, a capacidade técnica do homem em planejar e planificar sua indagação sobre a língua para levantar um questionamento em um espaço limitado se faz necessária. A

escrita, usando o *tweet* como alavancador de determinada reflexão linguística, possibilita ao falante recurso que possibilite para tal indagação, mesmo que em poucos caracteres.

Durante esta seção, nossa intenção foi, não só reforçar o caráter tecnológico da escrita (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009), mas também corroborar sobre a ideia da escrita enquanto metalinguagem (AUROUX, 1992); a escrita, como uma das ferramentas usadas pelo homem para fixar a linguagem (AUROUX, 1992), é capaz instrumentalizar e simbolizar uma língua (COULMAS, 2014). A escrita, assim como a linguagem, é um dos recursos usados pelo homem para “o domínio do simbólico” (HALL, 1997) em uma vida social. Para o autor (1997, p. 03, tradução livre), os símbolos e sentidos são “constantemente produzido[s] e trocado[s] em toda interação pessoal e social que participamos”.

Assim, o ser humano faz uso da linguagem para ampliar suas interações e círculos sociais. Recuero (2009, p. 137) afirma que as interações e círculos sociais pela *internet*, ou, pelas comunidades virtuais “são comunidades simbólicas, ou seja, cujos membros ‘estão conectados primariamente pelas trocas simbólicas (no caso, eletrônicas), mais do que pela interação face a face’”. As comunidades virtuais, ou redes sociais digitais (RECUERO, 2009) se configuram como uma forma de interação social genuína do ser humano. A interação, também por intermédio da escrita, permite ao homem agir “de diferentes formas nos rituais do dia a dia e nas práticas da vida cotidiana, dando a elas, assim, valor ou significado” (HALL, 1997, p. 03).

2.5 Homem, escrita e redes sociais digitais

As redes sociais digitais (ou comumente conhecidas somente por redes sociais) surgem da ideia de planejamento do ser humano em relação à necessidade do homem em ampliar suas relações sociais através do mundo digital, utilizando objetos, sistemas e artefatos tecnológicos, assim citados por Cupani (2004, p. 504) também como uma “produção de artifícios como meios de lazer”. Souza e Cardoso (2011, p. 68) abordam que as redes sociais nascem como “uma rede na qual todos os membros da sociedade ou parte da sociedade estão imersos”, rede mediada em que todos esses usuários estão permeados pela virtualidade e seus sistemas.

Nos dias atuais, torna-se quase inevitável a aderência às redes digitais, sejam elas quaisquer. As redes sociais possibilitam o contato social de forma agilizada e, de certa forma, automatizada. São as redes sociais que permitem a troca de informações em uma velocidade incrível (quase instantânea) e, também, permitem o estreitamento de laços com os demais usuários das redes. Levantamos, a tempo, a função essencial da escrita nas redes sociais digitais, já que por meio do recurso, a escrita torna possível as conexões e interfaces que tais redes possibilitam as construções de sociabilização entre os pares.

Recuero (2009, p. 30) afirma que “as conexões em uma rede social são constituídas de laços sociais, que, por sua vez, são formados através de interação social entre os atores³”. Os usuários, utilizando as redes sociais aproximam suas vivências com outros usuários, de modo ágil, compartilhando seus acontecimentos rotineiros pelo viés tecnológico, a *internet*. A internet, veículo indispensável para os dias atuais, surge na necessidade de um sistema informativo, também para comunicação em rede (CORRÊA, 2013), um artefato. Atualmente, ampliaram-se suas funcionalidades, se tornando uma das ferramentas tecnológicas com maior adesão mundial. Areladas a ela, estão as redes sociais. As redes sociais surgem a partir de um fenômeno que, segundo Recuero (2009, p. 16) são as comunicações mediadas pelo computador⁴. Ainda baseados nos pressupostos da autora, reforçamos a ideia de que as redes sociais digitais podem exemplificar

como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas (RECUERO, 2009, p. 24)

Uma das redes sociais com grande acesso desde seu início foi o Twitter⁵, rede social digital em forma de *microblogging* (RECUERO, 2009, p. 173),

³ Segundo Recuero (2009, p. 25) os atores são todas as “pessoas envolvidas na rede [...] Como parte de um sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

⁴ Por mais que as redes sociais digitais tenham sido muito utilizadas pelos usuários que faziam uso de computadores na época datada pela citação (2009), atualmente (2022) as redes sociais digitais também são criadas e acessadas em massa pelos *smartphones*, muitas dessas redes sociais, inclusive, formuladas e pensadas exclusivamente para eles [os *smartphones*]. A palavra computador, citada por Recuero (2009), será usada por nós neste trabalho referindo-se a um sentido amplo, englobando todos os objetos tecnológicos que tenham acesso à *internet* e às redes sociais sejam elas quaisquer.

⁵ www.twitter.com

classificada assim, pois seus usuários podem fazer postagens de até 280 caracteres, tendo como principal pergunta “o que você está fazendo?”. Plataforma que permite que o usuário escreva relatos quaisquer, poste fotos, áudios e vídeos; a postagem referente ao Twitter se chama *tweet*. As citações que possam envolver diretamente um usuário podem utilizar-se do símbolo @ para marcar um usuário em um *tweet*; para que os usuários interajam uns com os outros com assuntos quaisquer que possam estar em voga naquele momento, utiliza-se # (*hashtag*), podendo ser localizada, seguida da palavra a ser pesquisada na ferramenta de busca e essa fará uma rápida pesquisa em toda rede social e para encontrar a palavra desejada pelo usuário. Os *tweets* também são exibidos aos usuários por seguidores em comum, quando curtem ou compartilham outros perfis, mostrados pelo engajamento dos usuários.

Nossa proposta para a análise de corpus deste trabalho é analisar textos e *tweets* desta rede social, para avaliarmos como a metalinguagem se faz efetiva pelos falantes. Ao fazermos opção dos *tweets* para compor este trabalho, levamos em consideração não só as reflexões linguísticas propostas pelos falantes que usam a rede social, mas sim, na reflexão escrita como algo material (GNANADESIKAN, 2009), recuperável e facilmente acessível ao falante para interagir com os seus círculos sociais.

Por fim, refletindo sobre o homem permeado pela tecnologia que o homem redefine seu mundo, sua história, seu modo de viver para a busca do bem-estar. Para o homem, desde sua gênese, sua existência se resume à vontade incansável de adaptar a natureza, o meio natural onde vive a si. A técnica, a tecnologia, os artefatos, os objetos tecnológicos, os sistemas tecnológicos, as redes sociais digitais reforçam o quanto o homem adaptou a natureza para seu bem-estar. A partir dessa proposição, defendemos o quanto homem e tecnologia estão ligados sob uma perspectiva ontológica em sua relação com a prática social.

2.6 Síntese dos assuntos discutidos

No início deste capítulo, conceituamos tecnologia (CUPANI, 2004; 2011) e refletimos sobre o homem e a tecnologia no mundo atual. A frente, pudemos constatar que o ser humano é um animal simbólico (CASSIRER, 2012) e ao fazer uso da linguagem, o ser humano se expressa. Seguindo, levamos em consideração

os conceitos de língua (SAUSSURE, 2008; AZEREDO, 2000; MARCUSCHI; DIONISIO, 2007; BENVENISTE, 1991) com a conceituação de tecnologia, olhando tanto para a língua como para a tecnologia como um sistema (CUPANI, 2011). Em seguida, abordamos a escrita como uma propriedade humana e material da língua (GNANADESIKAN, 2009), não só como representação linguística, mas também como tecnologia (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009). Por fim, abordamos que a escrita permite ao homem ampliar suas interações nas comunidades virtuais ou redes sociais digitais (RECUERO, 2009). O Twitter é uma dessas redes sociais.

Ao abordarmos tais assuntos, procuramos evidenciar o caráter tecnológico da escrita, este essencial para a manifestação linguística do falante para, à frente, analisarmos as reflexões por parte dos falantes na composição dos *tweets*. Para tanto, consideramos abordar quais aspectos cognitivos são necessários para que o falante seja capaz de produzir a metalinguagem e, conseqüentemente, a postagem no Twitter.

Por isso, no próximo capítulo abordaremos como a epilinguagem e a metalinguagem são conceituadas e como tais conhecimentos linguísticos são importantes para o homem refletir e analisar sua própria língua, não só por meio da metalinguagem (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA; BERTUCCI, 2020), mas também fazendo uso da língua[gem] como uma ferramenta cognitiva (DASCAL, 2002).

3 EPILINGUAGEM E METALINGUAGEM COMO TÉCNICA E TECNOLOGIA

No capítulo anterior, em linhas gerais, discutimos as articulações teóricas sobre os conceitos de língua e tecnologia e como ambas podem ser atreladas à conceituação de sistema (CUPANI, 2004; 2011). Seguimos, a partir de então, abordando a teoria de Dascal (2002) e levando em consideração as asserções do autor em como a língua se configura uma tecnologia cognitiva. À frente, discutiremos como os conhecimentos epilinguístico e metalinguístico do falante podem ser considerados, respectivamente como técnica e como tecnologia cognitiva. Nessas discussões, conceituamos epilinguagem (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019) e metalinguagem (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA; BERTUCCI, 2020), conceitos estes atrelados a exemplos e por seguinte, alinharemos tais conceituações à proposta da língua como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002). Ao fim da discussão, levando em consideração a amplitude teórica levantada até então, (re)afirmaremos a metalinguagem como uma tecnologia cognitiva.

3.1 Linguagem como tecnologia cognitiva

Ao pensarmos em na língua como uma tecnologia, ou seja, ambas como concepções mentais e sociais que podem ser planejadas e projetadas (VIEIRA PINTO, 2013), ou seja, tanto língua como tecnologia podem estabelecer um plano para determinado fim por meio da capacidade psicológica (para nós, também técnica) de ter um propósito. Assim, em consonância com Souza e Bertucci (2020) onde a língua é um mecanismo que permite ao ser humano agir e atuar no mundo ou como “um instrumento de ação no mundo” (SOUZA; BERTUCCI, 2020, p. 64), assim como a tecnologia. Os pesquisadores (idem, p. 64-65) afirmam que “a linguagem é essencial em nossas relações e, conseqüentemente, na forma de atuarmos no mundo”. Como afirmado por nós, é a língua que possibilita ao homem sua relação e interação com o mundo, já que a atividade linguística propicia ao homem a abstração, ou assim como abordado por Cassirer (2012), o sistema simbólico da língua. Assim como colocam Souza e Bertucci (2020, p. 65), a

linguagem funciona como “instrumento de abstração e planejamento, mas, acima de tudo, o meio mais eficaz para se atingir objetivos cognitivos: opinar, refletir, crer, etc.”.

Em seu trabalho denominado “Linguagem como tecnologia cognitiva⁶” (2002), Dascal (2002) defende que as línguas naturais possam ser caracterizadas como tecnologias cognitivas. O autor (2002) conceitua, como *tecnologia cognitiva*, “todos os meios sistemáticos – material ou mental – criados por humanos que são usados de forma significativa e rotineira para o desempenho de objetivos cognitivos”. A língua, como tecnologia cognitiva, serve para cumprir determinados propósitos criados no campo cognitivo e como exemplificação, Dascal (idem) aborda os objetivos cognitivos sendo “estados mentais de natureza cognitiva”, trazendo como exemplo o “conhecimento, opinião, crença, intenção, expectativa, decisão, plano de ação”, retratando também os processos cognitivos, sendo eles a “percepção, memorização, conceituação, classificação, aprendizado”⁷. Entendemos que, para que todos esses objetivos e processos sejam materializados, a intermediação da língua se faz necessária.

Após conceituar tecnologia cognitiva, Dascal (2002) observa que as línguas naturais necessitam de modelos de abstração nas quais a linguagem recorre aos contextos reais de uso. Segundo Dascal (2002), as línguas naturais “evoluíram – genética e culturalmente – em função de certas necessidades humanas, e algumas de suas características podem ter sido apropriadas (deliberadamente ou não) para satisfazer outras necessidades”. Dascal (2002) afirma que “as línguas naturais, mesmo que não possuam essa característica de modo predominante, conseguem desempenhar os processos e objetivos de forma satisfatória, pois, para o autor (idem, p. 05), a língua “serve para transmitir pensamentos ou outras formas de conteúdo cognitivo, mas não precisa desempenhar nenhum papel na formação dos pensamentos que transmite”. Por isso, as línguas naturais atendem às necessidades do ser humano tal qual a tecnologia, o que para nós, torna-se ainda mais claro que as ideias de língua e a tecnologia estão atreladas.

⁶ Em inglês, “Language as a cognitive language” (2002). A partir de agora, indicamos que todas as traduções aqui, feitas de maneira livre, são de nossa autoria. O termo “language” pode referir-se à linguagem ou à língua, porém optamos em fazer menção às línguas naturais.

⁷ Dascal (2002), em nota de rodapé, afirma que “deve-se notar que algumas das expressões nestas duas listas de ilustrações – por exemplo, ‘demonstração’, ‘persuasão’, ‘decisão’, etc. – apresentam a conhecida ambiguidade processo/produto. É por isso que podem pertencer tanto à lista de estados quanto à de processos”.

Para o linguista (2002), esses modelos de abstração não precisam ser necessariamente sistematizados, levando em consideração “o fato de conhecê-los e dominá-los perfeitamente em nosso uso diário da língua” (DASCAL, 2002, p. 07). Para o autor, esses modelos estão perfeitamente dispostos ao falante (do ponto de vista cognitivo) e funcionam como um *script* cognitivo. O falante é capaz de recorrer a tais *scripts* de forma bastante ágil, quando faz uma entrevista de emprego ou conta uma história a amigos, por exemplo. Ao fim, corroborando com as pesquisas de Souza e Bertucci (2020), entendemos que “os estados mentais são objetivos cognitivos mais fixos, que podem ir se estabilizando de acordo com os processos cognitivos”.

Citamos como exemplo a música, já que o aluno aprende a reconhecer as notas musicais e seu valor de duração, aprendendo em sequência as estruturas musicais mais avançadas como leitura, contraponto, harmonia, etc. Souza e Bertucci (2020) afirmam que esse conhecimento se dá como um “conhecimento – estável – sobre ela (estado mental), mas as outras ainda estão sendo processadas”. Entendemos que, para Dascal (2002), a escolha desses *scripts* e a disposição deles dentro do uso linguístico do cotidiano é uma das claras formas de entender a atividade linguística como uma tecnologia cognitiva.

A seguir, Dascal (2002, p. 08) discorre acerca da “organização sequencial da fala – outra característica da linguagem – impõe à comunicação oral um padrão linear e unidirecional”. Para nós, esse modelo e lógica de organização linguística pode ser indicada pelo *conhecimento epilinguístico*, ou seja, como atividade de linguagem (ROMERO, 2011; 2020). Dascal (2002, p.07) coloca que a produção de linguagem como fator cognitivo implica em uma “ordem temática linear e unidirecional”, o que deixa claro os fatores de organização e sistematização linguística, mesmo que de forma inconsciente. O autor ainda afirma que a língua possui “recursos linguísticos amplamente empregados para um propósito cognitivo extremamente importante como o uso de palavras para coletar, organizar, armazenar e recuperar informações” (2002, p. 08).

Entendemos que o falante consegue articular tais proposições linguísticas em caráter de especificidades sintáticas, semânticas, pragmáticas as quais podem ser conscientes ao falante ou não. A partir das ideias de Flôres e Gabriel (2012), chamaremos essa atividade ordenada e consciente de *metalinguagem*; já a atividade de epilinguagem, para Romero (2011; 2020) seria a que ocorre como

conhecimento inconsciente pela prática de uso técnico da língua. Assim, a metalinguagem como ferramenta aprendida para se fazer raciocínio explícito sobre a língua pode ser vista como tecnologia (conhecimento construído, ciência); a epilinguagem pode ser uma base cognitiva, uma técnica cognitiva de conhecimento sobre os usos da língua. Para Franchi (2002, p. 66), “a atividade seletiva e consciente” permite que o falante reflita sobre o processo e o organize como tal. Assim, corroborando às propostas dos pesquisadores compartilhadas aqui, consideramos a metalinguagem como uma tecnologia cognitiva, e propomos pensar a epilinguagem como uma técnica.

Ao evidenciarmos esse caráter tecnológico dessas duas atividades linguísticas, levamos em consideração que Dascal (2002, p. 06, grifo do autor) afirma que “certos recursos linguísticos tornam-se *ferramentas* cognitivas afiadas que possibilitam o surgimento e desempenho de certos tipos de cognição”.

Dascal (2002) ainda afirma que a língua enquanto uma tecnologia cognitiva se organiza em *três níveis: como ambiente, recurso e ferramenta de cognição*. Para o autor (2002), a “relação entre esses três níveis é dinâmica e multidirecional”, então, tais níveis lidam com diferentes aspectos relacionados. Dascal (2002, p. 09), ao citar o nível ambiente, aponta que língua (por exemplo, ordenação sequencial de sons e palavras) ou então, a abstração de capacidade psicológica podem dar origem a recursos; entendemos que no nível recurso estão as capacidades metacognitivas de organizar, planejar e refletir suas construções linguísticas (por exemplo, a estrutura de uma narrativa) e então, no nível de ferramenta, a capacidade de criar estratégias explicativas ou ainda assim, os *scripts* mentais que permitem ao falante planificar (CUPANI, 2004), planejar e criar projeção (VIEIRA PINTO, 2013), idealizar determinados propósitos cognitivos por meio da língua. Por fim, entendemos como ambiente as propriedades cognitivas da língua; os recursos como aspectos conscientes; e as ferramentas como o uso da língua como tecnologia.

Para tanto, buscamos elucidar tais definições e exemplificações por meio das propostas retratadas no Quadro 01, este formulado por Silva (2019), com intuito de demonstrar e retratar os níveis propostos por Dascal (2002) que corroboram com a possibilidade da língua ser uma tecnologia cognitiva. Sendo assim, optamos em trazer as colocações de Silva (2019) para que pudéssemos explanar as conceituações propostas pelo linguista (2002) no quadro abaixo.

QUADRO 01 - Linguagem como ambiente, recurso e ferramenta

Função	Definição	Exemplos
Ambiente	A linguagem, por meio de sua presença esmagadora na mente, influencia a cognição independentemente de nossa consciência ou vontade.	<ul style="list-style-type: none"> • A língua como sistema articulado – dupla articulação (sentido/som) – permite processos de análise e síntese, o que serve de modelo para tarefas cognitivas do tipo analítico-combinatório. • A organização sequencial da fala funciona como padrão para processos cognitivos, que, em grande parte, ocorrem de forma linear, sendo as demais formas tomadas como exceção. • Nas línguas naturais, o uso de regras heurísticas em necessidade pontuais não desestabiliza o sistema de regras, o que serve de modelos para processos cognitivos abertos.
Recurso	Aspectos da linguagem regular e (na maior parte) conscientemente utilizados para fins cognitivos com elaboração mínima. Eles merecem ser considerados “tecnologias” na medida em que a escolha de uma característica linguística particular está em uma relação meio-fim com um objetivo cognitivo em vista.	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de palavras para reunir, organizar, armazenar e recuperar informações por meio de critérios semânticos de armazenamento e classificação. As relações semânticas permitem relacionar as palavras de diferentes formas (como sinônimos, quase sinônimos,

		<p>paráfrases, superordenadas, subordinadas, pertencendo ou não a um campo semântico, antônimos, contrários, etc.).</p> <ul style="list-style-type: none">• Há nas línguas variedade de meios sintáticos, semânticos e pragmáticos para expressar indeterminação, o que permite a exposição de informação de modo gradativos, do menos exato para o mais exato (ou vice-versa), algo fundamental nos processos de explicação.• As línguas são portadoras de um repertório prontamente disponível (expressões formuláticas, metáforas convencionais, provérbios, fórmulas argumentativas, padrões de diálogo etc.), o que ajuda a organizar o pensamento.• As línguas disponibilizam expressões que expressam atitudes proposicionais e força ilocucionária, bem como operadores de citação, mecanismos que permitem a separação dos enunciados em camadas de conteúdo e, por sua vez, operações metalinguísticas que redundam em operações metacognitivas ou derivam delas, em uma via de mão dupla.
--	--	--

Ferramenta	<p>Uma tecnologia cognitiva baseada na linguagem pode ser vista como uma ferramenta quando é o resultado da engenharia de recursos linguísticos para uma tarefa cognitiva específica.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Definição formal (explicar um termo relacionando-o a outro), que pode se basear em modelos clássicos, por exemplo, realizando o inventário dos elementos necessários e suficientes para a delimitação de um conceito; e modelos não clássicos, como definição de um conceito de maneira analógica. O procedimento de definição formal permite a criação de terminologias específicas das áreas de conhecimento. • O uso de escalas de quantificação (todos, praticamente todos, quase todos, a maioria das pessoas, algumas pessoas, quase ninguém, praticamente ninguém, ninguém), fruto do recurso de indeterminação, permite aplicação de lógicas não padrão. • Expressões formuláicas, tais como os mantras, permitem a alteração de estados mentais de percepção. • O uso dialético das estruturas de diálogo serve de modelo para o pensamento crítico.
------------	---	--

O quadro de Silva (2019) deixa claras as funções, definições e exemplificações de cada nível proposto. De fato, durante as proposições deste trabalho, nosso objetivo é apresentar a metalinguagem como tecnologia cognitiva, dados os recursos e ferramentas que as diferentes línguas podem mobilizar. Para tanto, em nossa análise mostraremos quais funções são mobilizadas pelo falante para que tal análise linguística seja explorada como tecnologia cognitiva. Dascal (2002, p. 11) também afirma que não devemos olhar para a língua apenas como “uma interface comunicativa entre agentes cognitivos, mas como uma tecnologia envolvida na própria cognição”, ou seja, a língua não se limita aos atos de comunicação, mas sim como processo psíquico, mental que possui um propósito cognitivo, tal qual à tecnologia. À frente, como parte essencial desse trabalho, torna-se essencial abordar como a epilinguagem e a metalinguagem são conceituadas e caracterizadas para que, posteriormente, possamos classificar de modo satisfatório nas produções de *tweets* os recursos epilinguístico e metalinguístico, respectivamente, como técnica e tecnologia cognitiva nas redes sociais, especificamente no Twitter, espaço social digital informal com caracteres limitados.

3.2 Linguagem e seus processos (a epilinguagem e a metalinguagem)

Flôres e Gabriel (2012, p. 159-160, grifos das autoras) ao levantarem as discussões propostas por Lúcia (1986), afirmam que a “interação humana é a propulsora dos processos de construção da significação, sendo que a linguagem, por integrar a estrutura dos processos cognitivos, encarrega-se de *regular e mediar* toda a atividade psíquica”. A seguir, as autoras (2012, p. 160) afirmam que “regulação e mediação se expressam por meio da emergência de dois tipos de operações”: epilinguística e metalinguística.

A primeira dessas operações é chamada de *epilinguística*; esta se configura como uma racionalidade inacessível ao falante (ROMERO, 2011; 2020), ou seja, o falante é capaz de processar e produzir as formulações linguísticas em questões sem se dar conta que as faz, o que Dascal (2002) aborda como nível ambiente. O falante, ao produzir um enunciado qualquer e não se fazer claro com o que quer expor reformula sua frase para ser mais claro; assim, faz uso de seu conhecimento epilinguístico para encontrar termos linguísticos que sejam equivalentes e mais específicos ou conhecidos para o contexto em que os interlocutores estão

dialogando. Esse parece ser um conhecimento básico para o uso da língua, uma técnica adquirida pelo falante que não faz reflexão consciente sobre os usos linguísticos.

A partir do momento em que a atividade epilinguística se torna racional, ou seja, o falante consegue *descrevê-la*, essa operação acontece em segundo nível (FLÔRES; GABRIEL, 2012), sendo esta *metalinguística*, o que para as autoras “não são espontâneas, dependendo do monitoramento ativo do falante sobre o *dizer* e o *querer dizer*”. Essa colocação afirma que o interlocutor possui domínio de suas atividades linguísticas e de quais recursos pode utilizar e em qual situação. Quer dizer, de alguma forma o falante se vale de um conhecimento científico para analisar o uso que faz da língua, uma tecnologia que lhe auxilia a empregar conscientemente os recursos linguísticos para cumprir melhor os objetivos do falante. Tomamos como exemplo uma entrevista de emprego, na qual o candidato a ser entrevistado articula com cuidado as palavras utilizadas para que convença o empregador a contratá-lo.

A noção de contexto (DASCAL, 2006) nos sugere que o falante busque referências sociais e culturais para que a operação metalinguística seja clara. Para tanto, retomamos o caráter da metalinguagem como uma ferramenta cognitiva, pois segundo Flôres e Gabriel (2012, p. 160), ela permite ao falante “se monitora[r] ou se autorregula[r], fazendo autocorreções e reinterpretções da fala” de modo intencional por reconhecer, a partir da noção de adequação linguística, aprendida socialmente, provavelmente na escola. Retomando Flôres e Gabriel (2012, p. 161), “os processos epilinguísticos regulam o fluxo da linguagem e vão ficando mais conscientes, portanto se convertendo aos poucos em processos metalinguísticos, manifestando-se num contínuo, desde uma operação inconsciente até uma atividade reflexiva e deliberada em função de algum objetivo preciso”. Assim, podemos pensar que o conhecimento técnico (a epilinguagem) dá lugar ao conhecimento tecnológico (a metalinguagem).

“A presença da linguagem na vida humana é impressionante” (DASCAL, 2002). Neste trabalho, consideramos que o ser humano faz uso da linguagem como fator fundamental para comunicar-se, para suas práticas sociais e simbolizações ao longo de sua vida. A epilinguagem ou conhecimento epilinguístico, segundo Romero (2011), possui a terminologia atribuída aos pesquisadores Aurox (1989), Culioli (1968; 1995; 1999; 2005) e Culioli e Normand (2005), onde a autora afirma que tal terminologia aparece de forma um tanto infrequente nas pesquisas feitas atualmente

nos estudos linguísticos, mas se concentram frequentemente dentro dos estudos da enunciação. Romero (2011), ao abordar as colocações de Culioli e Normand (2005), observa sobre a origem do termo epilinguagem, que

apoia-se em três fontes: a primeira é proveniente de seu próprio incômodo de não poder designar esse raciocínio silencioso; a segunda, de F. Bresson, especialista em psicologia cognitiva, que, ao perceber do que se tratava, lhe sugeriu o termo; e a terceira, de suas leituras a respeito de epigênese e de caminhos estabilizados entre os caminhos possíveis. Na sua opinião, cada um de nós traça caminhos no nível mental, em uma espécie de conexão – de certo modo aleatória porque imprevisível – que não é qualquer (ROMERO, 2011, p. 154).

Culioli (1995) afirma que a epilinguagem é uma atividade *inconsciente*, isto é, o conhecimento epilinguístico está inacessível ao falante. Para Romero (2011, p. 154), a compreensão da atividade de linguagem esbarra justamente nesta questão, que é dar conta de uma racionalidade que não passa pelo dizível. Para a autora, e para nós, isso se dá pelo que Romero (2011) e Culioli e Normand (2005) chamam de uma racionalidade inacessível. Assim, entendemos como processos de epilinguagem, as múltiplas possibilidades de que um “sujeito seja capaz de reflexão e de monitoramento sobre a produção e a compreensão linguísticas” (FLÔRES & GABRIEL, 2012, p. 163).

Aliados às conceituações e propostas de Culioli (1968; 1995), Culioli e Normand (2005) e de Romero (2011; 2019), a atividade epilinguística se constitui em uma racionalidade “silenciosa”, abstrata ou como ainda cita Culioli (1995, p. 11), como certo desempenho inconsciente do falante. Dessa maneira, entendemos que a epilinguagem está em um patamar que antecede a enunciação, a fala, corroborando com os escritos de Bagno (2015, p. 214), onde, segundo o autor, a epilinguagem está “por cima da linguagem, agindo diretamente nela”. Segundo postulam Culioli e Normand (2005), a epilinguagem é algo que não pode ser acessado diretamente pelos falantes, pois essa atividade faz parte de um princípio “natural”, cognitivo. Culioli descreve o epilinguismo enquanto uma nova racionalidade, considerando “nova” como algo pré-existente, recuperando algo que já é efetivo.

Ao exemplificar a epilinguagem, Romero (2011; 2019) cita os exemplos retratados por Culioli e Normand (2005), já que os autores abordam que a atividade epilinguística funciona por “formas” de racionalização que não são, de certa maneira, materializadas como um pensamento. Romero (2011; 2019), em consonância às

discussões propostas por Culioli e Normand (2005), aponta que tais “formas” são apresentadas como antecedente a um “raciocínio”, não sendo assimilado e nem verbalizado. Os autores trazem como exemplificação os gestos feitos por uma criança ao colocar as mãos sobre a cabeça ao colocar uma vasilha como se fosse um chapéu ou mesmo um adulto, quando junta as mãos para que possa beber água em uma fonte. Souza e Bertucci (2020) afirmam que o conhecimento epilinguístico é aquele que temos e que “não sabemos, necessariamente, que temos. Ou é a capacidade de pronunciar algo, sem precisar pensar nos detalhes formais na formação da expressão produzida”.

Para exemplificarmos a epilinguagem, pensemos na produção de uma palavra qualquer, como maçã. Ao proferirmos tal palavra, mentalmente ou em voz alta, a epilinguagem já agiu, dando a nós, por exemplo, a pronúncia do fonema /m/. Não precisamos pensar na articulação fisiológica de todo trato vocal para pronunciarmos, tampouco imaginar que precisaremos articular uma consoante bilabial nasal vozeada para a produção de /m/. A atividade epilinguística se encarregou de tal, de forma inconsciente. Para Souza e Bertucci (2020, p. 61), “não há relação profunda e não passa pela sistematização da verbalização, necessariamente”, a epilinguagem se manifesta diante desse caos abstrato e se materializa no uso da língua. Os pesquisadores ainda vão além, levando em consideração o fato de que a língua conta com o conhecimento adquirido previamente em relação aos contextos, interlocutores e discursos, não sendo necessária explicação prévia para que a atividade epilinguística aja. Levando em consideração a capacidade psíquica e mental do ser humano no que se refere à técnica e à epilinguagem, buscamos neste trabalho, aproximar o caráter epilinguístico do falante com o que se pode chamar de conhecimento técnico.

Romero (2011) aponta que a epilinguagem, mesmo em meio ao caos linguístico, não opera como algo desordenado ou aleatório (não consciente), mas não de forma qualquer. Para a autora

o epilinguístico, atividade interna não consciente, pode ser representado por meio de uma forma - a forma da atividade da linguagem -, uma forma que sustenta as formas linguísticas, os enunciados, os textos, uma forma apreendida em termos de esquemas de operação (ROMERO, 2011, p. 154).

Uma atividade de linguagem ou atividade linguística, segundo Franchi (1992a, p. 66) “supõe ela mesma esse retorno sobre si mesma”. Para o autor, a epilinguagem estabelece “uma relação entre os esquemas de ação verbal interiorizados pelo sujeito e a sua realização em cada ato do discurso” (idem, p. 66). Para nós, Franchi faz referência à teoria culioliana em relação aos exemplos já citados, nos quais o falante utiliza de “formas” apreendidas anteriormente pelo falante. A atividade epilinguística funciona “como atividade seletiva e consciente, na medida em que reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal” (idem, p. 66). É importante salientarmos que, segundo os escritos do autor (idem, p.66), “os signos se tomam como objetos dessa reflexão [...] passando pela metáfora e pela metonímia, a linguagem se refaz linguagem [...], as palavras e expressões tomam seus sentidos na cadeia de definições”. Para nós, a epilinguagem permanece em total abstração ao falante, de forma inconsciente. Assim, a epilinguagem pode ser retratada ou descrita por meio da linguagem e da metalinguagem, e caso seja representada pela escrita, esta fornece *sugestões* de como é ou de como funciona a atividade epilinguística. Acerca da epilinguagem, Culioli e Normand (2005) apontam que a atividade epilinguística é como

[...] uma anamorfose permanente que age de tal maneira que, em um dado momento, para uma dada língua, haverá decisões, isto é, **trajetos**, escolhas necessárias e, neste momento, você está no **linguístico**. E se, como linguista, você refletir explicitamente colocando-se em uma posição exterior, você cai no **metalinguístico**, o que faz com que naturalmente o metalinguístico esteja, em alguns casos, na língua – a metalinguagem está na língua – mas, por outro lado, tenha um custo, tenha sempre uma redução, se empregarmos metalinguístico no sentido estrito⁸ (idem, p.110) [grifos do autor].

A partir de dada citação, entendemos que a atividade de epilinguagem está na base da ação metalinguística. Ao levarmos em consideração as ideias retratadas por Culioli e Normand (2005), corroboramos às ideias de Romero (2011), quando a autora aborda que ao considerarmos a epilinguagem uma atividade de linguagem, alerta a autora que devemos estar atentos “à complexidade de aprendê-la [...] em um jogo de relações (idem, p. 155). Consideramos da mesma forma que, na racionalidade inacessível, “por trás de toda exteriorização, existem operações que

⁸ Tradução de Culioli e Normand feita por Márcia Romero (2011).

se fazem sempre presentes e que nela deixam vestígios” (ROMERO, 2011, p. 155). Para a autora, a epilinguagem se fundamenta em

algo constituído intrinsecamente de relações sem materialidade que permite construir objetos perceptíveis quando há verbalização. De uma atividade interna, passe-se sempre a uma atividade externa, linear, que se torna pública, i.e., que vêm à tona sem que essa exteriorização corresponda efetivamente à atividade interna que se manifesta (idem, p. 155)

Romero (2011) afirma que Culioli e Normand (2005) abordam tal simultaneidade como forma de especificar certos *vestígios* e rastros “que se desprendem dessa racionalidade silenciosa no nível linguístico” (idem, p. 155). Em nosso entendimento, a autora começa a abordar em consonância à teoria culioliana a maneira de como o conhecimento passa de epilinguístico para o nível linguístico. Para Culioli e Normand (2005)

a face sensível do que se passa em outro lugar, nesta zona intermediária do epilinguístico, domínio informulável em que se misturam pensamentos, afetos, produção e reconhecimento de formas... formas imateriais, mas sensíveis, isto é, [domínio] de toda esta atividade que resiste à estabilização, uma estabilização entretanto necessária à comunicação...⁹ (idem, p.193-194)

Romero (2011, p. 156) esclarece que tais vestígios ou traços estão ligados a uma “opacidade intrínseca, porque eles jamais explicitam nada”. A partir de tal citação, fazer metalinguagem é “ir além da estrutura [in]visível, reconstruindo as operações cognitivas das quais os enunciados são os rastros”, nos quais, os rastros se tornam a materialidade do objetivo trazido do nível epilinguístico ao linguístico ou metalinguístico.

Em consonância às teorias de Culioli (1999), entendemos a glosa como um mecanismo que torna perceptível e possibilita a materialização de processos que estariam inacessíveis em objetos concretos que podem ser observados, ou para Romero (2011), estabilizados. Essa concretude seria representada pela representação-materialização, ou seja, a exteriorização da atividade epilinguística ao linguístico, ou seja, um tipo particular de reformulação que pode ser vista e analisada pelo linguista. É a partir desses traços que aparecem nos enunciados, se torna tangível, às vezes, por exemplo, como uma explicação do uso explicitado no

⁹ Tradução de Culioli e Normand feita por Márcia Romero (2011).

todo. Esses vestígios do raciocínio inconsciente são responsáveis pela elucidação das informações epilinguísticas inatas e inacessíveis para o falante, pois, segundo Culioli (1999, p. 174)

as glosas epilinguísticas constituem uma boa parte do nosso discurso diário e desempenham um papel importante no discurso explicativo de um informante que deseja compreender o significado de uma frase em uma língua estrangeira ou o significado de uma declaração mal interpretada (idem, p. 174)

Os vestígios, informações chamadas de glosas pelo autor, constroem-se “ao tentar tornar consciente um ‘saber consciente’ – a racionalidade silenciosa”. Consonantes às teorias de Culioli (1999) e Romero (2011), acreditamos que a glosa ou traços linguísticos como vestígios da atividade epilinguística se constitui nessa materialização do abstrato em concreto, pois, ainda levando em consideração as concepções da autora (2011, p. 156-157),

tal tentativa passa, de um lado, por comentários, por explicações e percepções a respeito do papel desempenhado pela unidade linguística que se quer analisar nas interações que dela decorrem, de outro, por uma formalização desse papel por meio da metalinguagem (idem, p. 156-157).

Como exemplos de aparecimento desses vestígios na organização dos enunciados, destacamos o exemplo abaixo elaborado por nós. Assim, vemos:

(1) A dissertação já está pronta, quer dizer, quase pronta!

O exemplo (1) pode nos ajudar a entender como ocorre a glosa epilinguística, ou ainda, os traços da atividade de epilinguagem. O saber epilinguístico se dá de forma espontânea no ato da enunciação e ao que podemos notar no exemplo (1), a expressão “quase” se refere a um termo já retratado anteriormente (no caso, o adjetivo “pronta” dá a relação de algo acabado), referindo-se à dissertação; de maneira inconsciente e quase instantânea, o falante retrata-se assim como afirmado por Culioli (1999) e Romero (2011), seu primeiro enunciado a partir do dado “quer dizer”, alterando o sentido proposto à sua ideia anterior para reiterar que algo (a dissertação) que estaria finalizado, ainda não está; porém está “quase”. Por fim, acreditamos que a epilinguagem pode ser entendida como o caos linguístico, nível

linguístico inato de ação inacessível ao falante, no qual as atividades inconscientes acontecem interiorizadas.

A metalinguagem é resultante de uma atividade linguística na qual o falante se valida da linguagem para exercer e refletir sobre a própria língua. Não nos cabe, neste momento, abordar determinadas pontualidades da metalinguagem em relação às abordagens epistemológicas do termo, mas, para nós que concordamos com Romero (2011, p. 157), nossa intenção é “ir além de uma concepção para qual a linguagem se vê reduzida a um papel de ferramenta social”, na qual destacamos a importância de interligar a metalinguagem “na universalidade de seu processo” (FRANCHI, 2002, p. 72). A metalinguagem não se restringe às conceituações e terminologias, mas sim, se refere às práticas sociais de linguagem nas quais se envolvem os interlocutores.

Ressaltando a importância dos estudos metalinguísticos e de seus processos, cabe a nós conceituar o que é a atividade metalinguística, metalíngua ou metalinguagem. Segundo Flôres (2011), a conceituação do termo metalinguagem se refere a uma perspectiva lógica, mas a aceção do termo se dá em decorrência da abordagem e do construto teórico ao qual o pesquisador queira. De acordo com Jakobson (2010, p. 45), “uma das grandes contribuições da lógica simbólica para a ciência da linguagem é a ênfase dada à distinção entre linguagem-objeto e metalinguagem”. Como bem demarcado, o autor faz uma explanação entre as distinções dos termos “linguagem-objeto” e “metalinguagem”, na qual, podemos sempre utilizar de metalinguagem para fazer referência à linguagem-objeto, ou, trazendo as palavras do autor (idem, p. 45), “assim, podemos falar em português (como metalinguagem) a respeito do português (como linguagem-objeto)”. Para Jakobson (2010), a metalinguagem ocorre como um recurso para a decodificação do código linguístico. De forma clara, a atividade metalinguística é aquela que utiliza a linguagem para falar de si mesma, sendo por uso de conceitos, orações, terminologias, etc.

Para Jakobson (2010, p. 46), a metalinguagem é “a interpretação de um signo linguístico por meio de outros signos da mesma língua”. Ao levarmos em consideração a caracterização de um signo linguístico para Saussure (2006), o conceito ou a ideia estão interligados a uma colocação de Jakobson sobre a capacidade metalinguística do indivíduo, ou seja, a “capacidade de denominar” (JAKOBSON, 2010, p.46). No que se referem ambas as colocações, a atividade

metalinguística opera em relação à capacidade cognitiva do interlocutor de utilizar-se de um signo para exemplificar o outro, se dando assim a metalinguagem. Para Flôres (2011, p. 246), a metalinguagem é vista como “linguagem usada para descrever a linguagem”, ou seja, quando utilizamos da língua para fazer referência a ela mesma. De acordo com Bertucci (2018, p. 216), a metalinguagem é definida “como a operação racional e consciente sobre a linguagem, quer feita por um pesquisador, quer pelo próprio falante”. A tempo, Nascimento (1990, p.115), coloca que “todos os sistemas de signos passam pela mediação da língua”, colocando a metalinguagem como “uma característica fundamental de qualquer sistema de significação” (idem, p. 115). Para Mota (2009), a metalinguagem é a linguagem como objeto de reflexão. Segundo Romero (2011, p. 155), a metalinguagem é a “representação-simulação”, ou seja, a materialização do que é intrínseco em racional. Auroux (1992, p. 19) define a metalinguagem como um “saber linguístico”, pois para o autor, “quando a metalinguagem toma cargo as manipulações efetúveis sobre a linguagem nela mesmo”. Em tais conceituações, podemos assumir que a metalinguagem é atividade consciente do falante para refletir, analisar e representar determinada língua, usando como recurso tecnológico termos da própria língua elencados pela ciência como descritores adequados para a análise linguística. Flôres e Gabriel (2012) afirmam que a conceituação de metalinguagem não deve ficar limitada à função metalinguística, mas afirmam que “as atividades metalinguísticas são um componente essencial da aquisição e do desenvolvimento da língua”. Nesse sentido, consideramos a metalinguagem como uma tecnologia cognitiva ao aproximar os conceitos com o que Dascal (2002) coloca como os níveis de recurso e ferramenta, pois o falante é capaz de explicá-la e representá-la através da atividade metalinguística.

A representação por meio do nível metalinguístico, ou pelas palavras de Auroux (idem, p. 16), “talvez porque a linguagem seja um sistema regulado pela sua própria imagem”. Para Auroux (1992), a *gramatização* também é classificada como um saber metalinguístico, pois para o autor, “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário (idem, p.65, grifos do autor)”. Não nos cabe aqui refletir em profundidade acerca dos processos de gramatização abordados por Auroux (1992), mas temos por objetivo bastante modesto, apontar que o autor faz diferença entre os

conceitos de metalinguagem e o saber metalinguístico, ou seja, sua forma de *representação*.

No que se refere à praticidade do saber linguístico, Auroux (idem, p. 17) elenca três domínios pelos quais a metalinguagem se constitui: (i) “o *domínio da enunciação*, que entendemos como a capacidade de um locutor tornar sua fala adequada a uma finalidade dada, convencer, representar o real, etc”. Entendemos que, para o pesquisador, a função metalinguística se dá pelas múltiplas possibilidades na interlocução, cabendo ao falante escolhê-las; dado tal fator, o sujeito consegue materializar tal informação, tecendo sob qual modo quer propagá-la. A seguir, Auroux (idem, p. 17) explana sobre (ii) “o *domínio das línguas*, falar e/ou compreender uma língua, quer se trate da língua materna ou de outras”. Esse recorte teórico nos possibilita a (inter)conexão de teorias com Jakobson (2010) quando afirma que o falante interpreta o signo linguístico, podendo o interlocutor utilizar-se da metalinguagem para denominar, teorizar e determinar conceitos a si mesma. Enfim, Auroux (1992, p. 17) fala sobre o último dos domínios, (iii) o *domínio da escrita*. Conforme exposto pelo pesquisador, a escrita se dá pela reflexão do código sobre o próprio código, o que recai sobre a utilização de uma técnica para torná-la tangível, representável. Sob tal aspecto, Auroux (idem, p. 17) afirma que a representação escrita se dá nos “elementos de uma passagem do epilinguístico ao metalinguístico”, enfatizando que a escrita se torna uma das possibilidades de materialização e representação linguística. Ao fim, o pesquisador (idem, p. 20) evidencia a escrita como um “processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística”. Nesse sentido, entendemos que Auroux (1992) considera a escrita uma representação (meta)linguística como transmissão de um “saber metalinguístico”, qualificando a escrita como “*transferência tecnológica*” (AUROUX, 1992, p. 21).

3.3 Metalinguagem como prática de interação social

Conforme Jakobson (2010), qualquer falante é capaz de refletir sobre a própria linguagem, principalmente ao levarmos em consideração que a atividade metalinguística não se refere em teoria somente à significação e à conceituação dos termos em si, mas sim em relação ao contexto em que se desdobram (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI & NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES,

2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA; BERTUCCI, 2020). Para nós, em consonância com os autores citados durante o desenvolvimento dessa pesquisa, fica clara a possibilidade de abordar a epilinguagem, a metalinguagem e sua relação com as operações cognitivas, dadas as fundamentações do uso da linguagem em relação ao seu contexto de uso (ou de caráter enunciativo).

Todos os autores apresentados neste trabalho, até aqui, abordam o aspecto da metalinguagem como um processo cognitivo, pois é a cognição que “mobiliza o cérebro a fim de processar, compreender e produzir linguagem e pensamento” (FLÔRES; GABRIEL, 2012, p. 159). Tais processos são necessários para entendermos como o falante viabiliza os conhecimentos linguísticos e como estes se tornam objetos de reflexão e análise por meio da metalinguagem, especificamente na produção escrita dos *tweets*. Flôres (2011) indica que a metalinguagem não deva se ater às teorias linguísticas e à conceituação teórica puramente convencional, evidenciando a autora que

as situações referidas indicam que a terminologia, ou seja, as palavras usadas em cada caso vão passando da linguagem que a maioria das pessoas entende para uma linguagem não usual, envolvendo a necessidade de refinar o conhecimento linguístico e terminológico, requerido (FLÔRES, 2011, p. 250).

Dessa forma, a autora (2011) cita que a metalinguagem permite ao falante desconhecer e reconhecer terminologias distintas de sua prática em diferentes contextos de produção, exigindo então que os interlocutores necessitem do recurso metalinguístico para acessarem conceituações desconhecidas. A seguir, tecendo comentários em consonância à teoria de Dascal (2006), Flôres evidencia que “assim, a metalinguagem mobilizada acaba variando de acordo com o *contexto*, vinculando-se tanto recurso à metalinguagem quanto atividade desencadeadora ao contexto em que foi produzida a intervenção” (FLÔRES, 2011, p. 250, grifos da autora). Entendemos que, em relação ao que se entende por “metalinguagem”, este não deve se atrelar sobre às conceituações dispostas, mas sim, considerar todo o contexto e o conhecimento linguístico do falante em ação, no caso, o conhecimento intralingual (JAKOBSON, 2010).

Para tanto, indicado pelo Exemplo (2), usaremos a exemplificação trazida por Flôres (2011, p. 249, grifos da autora) para abordar tal questão.

(2) *Mãe*: Pedrinho, se gritasses menos, talvez eu não te xingasse tanto.

Pedrinho: Mãe, o que é *talvez*?

Para a autora (2011), a metalinguagem se manifesta, de forma mais comum, através de perguntas, como podemos ver no exemplo acima. Flôres (2011) afirma que o falante, ao fazer determinada pergunta, recorre ao seu repertório metalinguístico para sanar tal indagação. Assumiremos, a partir da teoria de Jakobson (2010), a ideia de que a metalinguagem se dá por meio de dois tipos, ambos baseados no que o autor relata como uma concepção intralingual do falante, ao valer-se de signos verbais para explicar outros signos. Assim, entendemos que a atividade metalinguística pode se dividir em dois tipos: o primeiro tipo está acessível a todos os falantes, o que possibilita a indagação, análise e reflexão sobre fenômenos linguísticos, como consequência de proximidade de significados derivados da vivência social por parte do falante. Consideramos, então, este nível de metalinguagem uma prática social, já que todos os falantes de determinada língua necessitam saber acerca da significação dos termos para usá-los; são capazes de articular seus conhecimentos linguísticos e reformulá-los; buscamos, inclusive, aproximar com o que Dascal (2002) refere-se ao uso da língua como tecnologia cognitiva em seu nível de recurso.

Ainda acerca desse tipo de metalinguagem, evidenciamos o caráter da atividade metalinguística como uma prática enunciativa, de interação, de prática social. Consideramos que a atividade metalinguística se manifesta a todo tempo com os usos da linguagem em seu cotidiano. Nascimento (1990) aborda que

o falante, utilizando-se desses mecanismos, não repete "um saber", mas cria "o saber". A língua natural não se coloca então como repetição, mas trabalho. Juntamente com a atividade linguística o falante tem de desenvolver uma atividade metalinguística que lhe permite reinterpretar "um saber coletivo" e construir "o saber individual". O sentido pode então ser entendido não como fixo, mas metamorfoseado pelo falante (NASCIMENTO, 1990, p. 118-119)

Para a autora (1990), assim como para Jakobson (2010), a metalinguagem permite ao falante utilizar-se da linguagem em diferentes níveis de consciência, o que chamamos à frente de tipos de metalinguagem. De acordo com Flôres (2011, p. 247), "o que está em foco é a linguagem do dia-a-dia", evidenciando o caráter usual e interacional da metalinguagem. Segundo Nascimento (1990) e Flôres (2011), a

atividade metalinguística faz parte do cotidiano do falante, acontecendo a todo momento. Ao explicitar um termo, o falante imediatamente recorre ao recurso metalinguístico para explicá-lo; a metalinguagem oferece ao falante todo o repertório da língua para que possa explicitar determinado termo desconhecido. A seguir, a Flôres (2011) aponta que a

atividade metalinguística, ou a busca/fornecimento de comprovação, evidências e explicações, não se restringe apenas à fala, pois a escrita também contém marcas da dimensão metalinguística da linguagem, havendo muitas outras formas de explicitação metalinguística além da pergunta direta, por exemplo, *paráfrases, comentários, citação direta, referências intertextuais, etc* (FLÔRES, 2011, p. 247).

Em relação ao exemplo acima, o interlocutor do Exemplo (2) possui representação daquilo que outrora lhe causaria uma dúvida em como “o que é talvez?”, podendo assim recorrer ao seu nível de consciência linguística para recorrer à tal significação. Para a linguista (2011, p. 247), na mobilização da metalinguagem “destaca-se a necessidade de analisar o modo como se explicita ou implícita o conhecimento, de vez que sem a possibilidade de usar palavras, ou seja, a língua ordinária, para examinar conceitos, a pesquisa seria inviável”. Assim, a metalinguagem não está atrelada somente à conceituação, mas em todos os processos cognitivos que permitem ao falante relacionar a língua a si mesma.

Flôres (2011) destaca que

um dos papéis da metalinguagem é *buscar resolver dificuldades de entendimento, sanar dúvidas, detalhar informações, situar espaço-temporalmente os eventos*, em suma, tratam de precisar sentidos. E, sem dúvida, esse conceito não interessa somente à linguística, ou à linguagem ordinária. A reflexão concernente à significação da linguagem é decisiva para entender como se estruturam as relações sociais e como é produzido o conhecimento em qualquer instância social, área de estudos ou ciência (FLÔRES, 2011, p. 247)

Como bem assinalado por Flôres (2011), a metalinguagem exige certo grau de consciência do falante (ROMERO, 2011), e para ainda além, com as asserções feitas por Souza e Bertucci (2020, p. 61), a metalinguagem “exige um certo grau de elaboração, o metalinguístico”. De fato, a atividade metalinguística serve como recurso ou ferramenta para as atividades linguísticas que acontecem a todo momento dentro de uma língua. Ao explicar determinado termo, o enunciador já faz uso desse nível de consciência, ou seja, a atividade metalinguística; o falante é

capaz de utilizar-se de sua própria língua para explicá-la de forma quase que instantânea. Culioli e Normand (2005) argumentam em relação ao conhecimento metalinguístico produzido por estudiosos das mais diversas áreas de pesquisa, o que para nós, segundo a concepção de Jakobson (2010), este é o segundo tipo de metalinguagem, nesse caso se referindo às terminologias, pesquisas e demais temáticas que sejam específicas à língua que usam a ciência para descrevê-la (NASCIMENTO, 1990; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012). Ainda segundo Souza e Bertucci (2020, p. 61), “eles certamente, estendem esse conhecimento para a própria escrita que, em geral, pressupõe um conhecimento linguístico consciente, já que, sem isso, seria impossível a leitura e a escrita”, ou seja, a reflexão (meta)linguística se manifesta a todo tempo em que a escrita é realizada, já que a metalinguagem denota toda e qualquer reflexão sobre a língua. Por fim, acreditamos que esse tipo de metalinguagem se aproxime ao que Dascal (2002) coloca como o uso da língua como tecnologia cognitiva podendo ser também em nível de ferramenta, ou seja, os conhecimentos linguísticos foram aplicados à situações descritas pela ciência, tal qual o uso descritivo de gramáticas escolares, dicionários e dados epistêmicos relevantes na pesquisa. Flôres (2011, p. 250) afirma que “a questão, de modo geral, diz respeito ao significado de um termo, expressão etc. no interior de uma determinada teoria”. Podemos destacar o caráter científico da metalinguagem, pois caso a mesma pergunta fosse feita em ambiente escolar, a “sua formulação fugiria do alcance compreensivo do indivíduo comum” (idem, p. 250). Dessa forma, pensamos na metalinguagem enquanto recurso de significação para um termo desconhecido e o contexto em que ele se encontra.

Ainda segundo Flôres, (2011, p. 247) a autora afirma que o falante, em capacidade metalinguística manifestada, “algumas das escolhas feitas buscam explicitar-se, refletindo sobre si mesmas ou sobre outras opções feitas”. Para a autora, a metalinguagem se manifesta em um conhecimento organizado e consciente, recorrendo às possibilidades linguísticas que permitem a enunciação. Por fim, a autora (2011) considera que “a dimensão metalinguística da linguagem relaciona-se à negociação de sentidos e aos usos sociais da linguagem”. Para nós, é nesse momento que o interlocutor utiliza a metalinguagem como uma tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002), ou seja, cabe ao falante utilizar-se do recurso metalinguístico para optar pelas diversas possibilidades linguísticas de acordo com os contextos para formalizar o que dizer e como dizer.

Para Flôres e Gabriel (2012, p. 160), o

“básico para discutir a perspectiva teórica em questão é o modo de ver a linguagem, pois se a organização do mundo e das relações intersubjetivas processa-se por meio dela, então a linguagem deve possuir mecanismos inter e intrapsíquicos que se ocupem do seu arranjo, quando em funcionamento” (FLÔRES; GABRIEL, 2012).

Uma questão interessante na construção retratada pelas autora é a questão de regulação de processos linguísticos, pois, ainda segundo a citação acima (2012, p. 160), em nosso entendimento, os processos de atividade metalinguística geralmente se “mostram quando o sujeito se monitora ou se autorregula, fazendo autocorreções e reinterpretações da fala do outro; ou quando hesita, subentende, retoma suas próprias palavras, comete atos falhos, pressupõe e assim por diante”. Como exemplo, pensemos em uma possibilidade de elucidação norteada pela proposta de Bagno (2015).

(3) É para AJUDAR e não para ATRAPALHAR.

O enunciador da frase recorre ao conhecimento linguístico dos demais falantes presentes na enunciação, que nesse caso, são os conceitos estabelecidos de “ajudar” e “atrapalhar”. Nesse caso, o falante faz uso de dois verbos na referida oração que mobilizam significações, destacados e enfatizados por ele; assim, o falante que profere o exemplo leva em consideração que os demais falantes sabem que, para ajudar, é necessário não atrapalhar. A atividade epilinguística se dá a partir do momento que quem profere tal oração é capaz de distinguir: ajudar e atrapalhar não são só coisas distintas, mas situações opostas, ou seja, a epilinguagem monitora as possibilidades da língua para que o falante seja capaz de retratá-las quase que instantaneamente.

Em uma seguinte exemplificação, as pesquisadoras (2011, p. 161) colocam a atividade metalinguística como “reorganização e ressignificação no interior do próprio enunciado, dando ênfase aos processos metafóricos e metonímicos, como mecanismos desencadeadores de mudança”. Como exemplo, buscamos interligar com o caso observado pelo exemplo (4).

(4) Estou tentando. O que seria “ajudar” para você?

No exemplo acima, o falante mobiliza a conceituação do verbo “ajudar” e questiona o outro falante que faz parte da enunciação para verificar se ambos possuem a mesma conceituação ou ideia daquele determinado verbo. Nesse caso, o falante faz uso da metalinguagem para buscar em seu conhecimento técnico uma definição que possa ser adequada para aquele contexto. Portanto, a atividade metalinguística refere-se às organizações conscientes dos verbos “ajudar” e “atrapalhar” que possibilitaram as indagações nessa enunciação usada como exemplo.

É interessante levarmos em consideração a metalinguagem como atividade reguladora da própria linguagem, já que a consciência metalinguística leva em consideração os conhecimentos metalinguísticos do falante para (re)estruturar a competência linguística (ROMERO, 2011; 2020). Souza e Bertucci (2020) citam como exemplo a gramática tradicional ou escolar, como um recurso regulador de determinada língua. Assumimos o valor metalinguístico da gramática normativa, principalmente quando Jakobson (2010) e Flôres (2011) abordam a metalinguagem como dispositivo de instrumentação científica, mas indo além, de acordo com as discussões propostas por Flôres (2011) e Flôres e Gabriel (2012), a gramática tradicional ou escolar se torna apenas uma das ferramentas metalinguísticas disponíveis ao falante, já que o interlocutor recorre à gramática apenas tendo domínio de outras tecnologias de caráter metalinguístico, como a leitura e a escrita, por exemplo (AUROUX, 1992; FLÔRES; GABRIEL, 2012).

Flôres e Gabriel (2012) retomam as discussões propostas por Dascal (2006) ao analisar os dois níveis de processamento contextual de caráter informativo, sendo as autoras, *extralinguístico* e *metalinguístico*. Dascal (2006) afirma que o caráter extralinguístico se dá como “conhecimento de mundo (extralinguístico) e conhecimento de convenções e das estruturas sociais e linguísticas (metalinguístico)” (FLÔRES; GABRIEL, 2012, p. 170). Entendemos como extralinguístico a experiência, a vivência de determinada situação; como metalinguístico, os recursos da língua usados para descrever tais situações. Para tanto, compreendemos que a proposta de participação metalinguística é de extrema importância para que a convenção extralinguística se faça eficiente, já que é a linguagem que permeia este processo. Ao fim, as autoras (2012) se referem à

metalinguagem como um conhecimento contextual, pois, comentando a teoria de Dascal (2006), as autoras encerram sua discussão afirmando que

parece, então, sobremaneira importante discutir o contexto enunciativo, situacional, cultural, deflagrador da operação metalinguística e, também, destacar a sua condição de conhecimento contextual imprescindível ao entendimento e à produção de linguagem. Isso implica dizer que a opacidade de um texto para alguém pode derivar tanto do desconhecimento do contexto interativo específico no qual se encontra, quanto do contexto metalinguístico específico, digamos, por desconhecer o falante ou leitor os ritos sociais, os modos de abordagem e a terminologia específica da área. Há que se aditar que o ouvinte ou leitor pode, ainda, desconhecer a estrutura convencional de um texto produzido para preencher determinado objetivo, porque um texto de anatomia é diferente de um texto ficcional. Uma conversa entre amigos é diferente da exposição oral de um trabalho. E, por fim, a falta de conhecimento de um dado domínio discursivo pode inviabilizar o entendimento de um texto, implicando falta de conhecimento de fundo, por desconhecer o leitor/ouvinte quais as regras gerais para a interação nesse tipo de situação (por exemplo, interlocução entre terapeutas e afásicos) (FLÔRES; GABRIEL, 2012, p. 171-172).

Sendo assim, entendemos que a metalinguagem não se restringe apenas ao caráter descritivo de uma língua, mas vai além, levando em consideração a proposta do conhecimento contextual (FLÔRES; GABRIEL, 2012), ou seja, levar em consideração suas experiências e vivências, ou seja, seu conhecimento linguístico internalizado (JAKOBSON, 2010) que permite a todo falante produzir metalinguagem, ou seja, nenhum falante se faz capaz de falar determinada língua sem o conhecimento de si própria. Sendo assim, entendemos que ao trazer uma reflexão linguística em um *tweet*, o autor se vale de conhecimento, podendo usar qualquer um dos tipos de metalinguagem, seja este partindo de uma prática social ou aplicado à ciência.

Ao longo deste capítulo, procuramos evidenciar as relações entre as atividades de epilinguagem e de metalinguagem, podendo então nos permitir ver ambas as atividades ou ferramentas cognitivas (DASCAL, 2002), a primeira como técnica que sustenta a possibilidade da segunda como tecnologia. A discussão nos dá base para analisar como o falante mobiliza esses conhecimentos e a maneira que ele aplica tais saberes na produção escrita. Para isso, verificaremos nos *tweets* como os falantes mobilizam os conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos e como essas intercorrências acontecem por meio da escrita e da leitura pelos usuários da rede social digital. Procuraremos levar em consideração como os falantes fazem uso de tais conhecimentos linguísticos e como estes conhecimentos

são mobilizados pelo falante por meio da escrita. Ao analisar os dados levantados, observaremos como o falante faz uso de seu conhecimento epilinguístico por meio de recursos linguísticos. A seguir, levantaremos indícios de como o enunciador faz uso de tais conhecimentos aplicados à gramática escolar e como a metalinguagem está presente nesse processo.

4 DO CAMINHO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE

Baseados na construção teórica realizada nos dois primeiros capítulos deste trabalho, procuramos defender a proposta de que a metalinguagem pode ser considerada como uma tecnologia cognitiva, pautados nas teses defendidas por Dascal (2002), atrelados à teoria de Cupani (2004) e Vieira Pinto (2013), quando o falante faz uso da atividade metalinguística tal qual da tecnologia para planejar, planificar e projetar reflexões sobre a língua, podendo ser, segundo os construtos de Jakobson (2010) de dois tipos: a metalinguagem que está acessível a todos os falantes advinda de uma capacidade intrínseca e a metalinguagem de cunho científico. No primeiro e no segundo capítulos, buscamos atrelar as conceituações de linguagem e tecnologia para que, então, pudéssemos evidenciar que a escrita é uma tecnologia de representação da língua e que, dessa maneira, acaba por ser também usada para registrar e representar a atividade metalinguística. A partir de agora, analisaremos e descreveremos como a metalinguagem aparece materializada na escrita dessas postagens (os *tweets*), ou seja, buscaremos identificar a presença dos conhecimentos técnico e tecnológico sobre as atividades de epilinguagem e, conseqüentemente, metalinguagem na escrita de *tweets*.

Neste capítulo, procuraremos identificar, por meio de *tweets*, como os falantes expressam o conhecimento metalinguístico e como deixam entrever o conhecimento epilinguístico, partindo de dados como recursos linguísticos aplicados à escrita. A partir de agora, descreveremos como selecionamos e definimos os critérios de escolha para cada *tweet*, suas denotações epilinguísticas e metalinguísticas que serão averiguadas a fim de formarem o *corpus* deste trabalho. Em seguida, apresentaremos e discutiremos sobre o raciocínio linguístico materializado pelo falante em suas postagens, ancorados nas teorias discutidas até este momento.

4.1 Delimitação do *corpus* e metodologia

Ao longo deste trabalho, falamos sobre a utilização de *tweets* para a composição de corpus de nossa pesquisa, com relação a esse tipo de rede social digital, Recuero (2009) afirma que o Twitter é um *microblogging*, ou seja, possibilita uma maior facilidade no compartilhamento de informações. Nossa intenção ao selecionar o gênero *tweet* para análise se dá pela utilização, por parte do usuário, de

poucos caracteres (atualmente são duzentos e oitenta) para comentar e descrever sobre os mais variados temas, neste caso interessa-nos aqueles que apresentem indagações linguísticas, levando em consideração as competências dos usuários da rede social digital de planificar (CUPANI, 2004) e criar projeção (VIEIRA PINTO, 2013) ou seja, pensar em como tais indagações e análises poderiam ser descritas em 280 caracteres. Todas as postagens analisadas aqui possuem uma característica em comum: descrições ou comentários sobre a organização da língua.

Para nós, é inegável admitir que selecionar os *tweets* que comporiam o *corpus* desta pesquisa foi bastante singular e marcante, já que o Twitter possui uma vasta quantidade de comentários e descrições voltados para análises linguísticas interessantíssimas. É preciso salientar que, para a análise desses dados, guiaremos-nos pela pesquisa descritiva, pois para Gil (2008, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Em nosso caso, a proposição é exemplificar e descrever como a escrita de *tweets* pode ser usada como espaço em que o falante registra, inconscientemente, seus conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos uma vez que, principalmente esse último, como tecnologia ensinada ao longo de anos de ensino gramatical escolar, passa a fazer parte dos saberes do falante.

A partir da definição de nosso objeto de pesquisa, partimos para uma seleção global dessas reflexões linguísticas na rede social digital Twitter. Iniciamos nossa procura por meio da função da ferramenta de engajamento disposta pela própria rede social digital. Nessa primeira busca, dada por meio de engajamento, 35 *tweets* foram selecionados levando em consideração a capacidade do falante de planificar (CUPANI, 2004) e criar projeção (VIEIRA PINTO, 2013) de quaisquer indagações linguística por meio de um *tweet* ou seja, pensar em como tais questionamentos e análises sobre a língua poderiam ser descritas e respondidas em até 280 caracteres. Entre os anos de 2018 e 2022, os *tweets* indicados pela ferramenta do Twitter que comporiam o *corpus* a partir da determinação de que para ser selecionado, esta postagem deveria apresentar algum tipo de reflexão da língua que contivesse alguma indagação ou análise de determinado fato de linguagem, traços de atividade epilinguística ou metalinguística ou alguma descrição linguística.

Ou seja, nosso objetivo, durante coleta de dados, era levantar *tweets* que oferecessem algum tipo de reflexão, indagação ou análise da língua em uso ou de metalinguagem. Após essa primeira seleção, separamos as postagens que

mostravam mais claramente quaisquer reflexões e análises sobre a própria língua por parte dos falantes, selecionamos vinte *tweets* que apresentam a reflexão linguística de determinado fato usando artifícios da escrita. Elencamos quatro categorias dessas ocorrências que nos possibilitaram separar os *tweets* para uma análise mais acurada para reflexões que envolviam a organização: fonema-grafema, morfológica, sintática e semântico-pragmática. Para a utilização dos *tweets*, a identidade dos autores não será relevante, porém indicada abaixo da própria indagação linguística. Sendo assim, as postagens no Twitter contêm seu conteúdo original inalterado, ou seja, a reflexão linguística disposta na construção da postagem, parte da análise e descrição dos próprios autores dos *tweets*.

Ao escolher os critérios para que pudéssemos descrever e analisar os dados obtidos por meio da rede social digital Twitter, procuramos evidenciar (i) o saber metalinguístico do falante e o raciocínio que sustentou sua análise; (ii) o caráter de manifestação (meta)linguística (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014), ou seja, qual tipo de ocorrência e (iii) como o conhecimento epilinguístico (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005) pode ser, inconscientemente, materializado na escrita.

4.2 As reflexões epilinguísticas e metalinguísticas

No que diz respeito às atividades de epilinguagem, ou seja, saberes inconscientes sobre a organização da língua (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005), procuramos elencar quatro categorias com as quais pudéssemos descrever como o falante se vale de técnicas cognitivas (DASCAL, 2002), ainda que sem se dar conta disso, para propor indagações sobre a própria língua. Entendemos, ao analisar os dados, que a reflexão epilinguística realizada pelo autor dos *tweets* podem ser reconhecidas por pistas deixadas na produção escrita em que são observadas questões que envolvam a organização da língua. Ou seja, as reflexões epilinguísticas, conseqüentemente, estariam materializadas no nível metalinguístico por intermédio da escrita (COULMAS, 2014), na qual se configura como ferramenta para tal âmbito de representação.

Ao estabelecermos essas quatro categorias (fonológica, morfológica, sintática e semântico-pragmática), propomos estabelecer as principais intercorrências encontradas nos *tweets* selecionados, por exemplo, para separarmos as reflexões

fonológicas consideramos a proposta de Silva (2007, p.23) ao explicar a fonologia como “a ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”. O nível fonológico, para nós, faz-se necessário para explicitar quais associações o autor dos comentários faz em relação à representação fonêmica e sua representação em grafemas. Para a categoria fonológica, destacamos as intercorrências que se fazem presentes na relação fonema/grafema e como a atividade epilinguística pode ser rastreado na indagação do falante para exemplificar alguns casos dessa relação. Outra categoria de análise são as reflexões sobre a organização morfológica. Câmara Jr. (2004, p. 22) postula que a morfologia estuda as “características da forma”, ou seja, os processos de formação de palavras (AZEREDO, 2010). Em nossa coleta de dados, tornou-se bastante interessante como os produtores de *tweets* apresentam preocupações sobre como determinados vocábulos são formados e sua etimologia.

Com relação às discussões sobre sintaxe, os *tweets* refletem uma preocupação com a estrutura interna da frase por parte de seus autores. Azeredo (2010, p. 196) afirma que a sintaxe “diz respeito aos mecanismos gramaticais que estruturam internamente o período”, o que para nós, equivale à ordem dos elementos e estruturas que compõem o enunciado. Nesse nível, pretendemos mostrar as apresentações que os autores fazem de suas análises sobre os componentes dos enunciados. Por fim, também organizamos os *tweets* com apresentação semântico-pragmática. Pretendemos verificar quais ocorrências acontecem e, pressupomos, que serão mais no nível lexical. Segundo Müller e Viotti (2003, p. 137), a semântica é a “área da linguística que estuda o significado das línguas naturais”. Não nos limitaremos, especificamente, a um recorte teórico em particular, mas visamos abordar as várias possibilidades de reflexão sobre a significação, pois interessa a nós, verificar a análise que aparecem nos *tweets* sobre a significação de determinado enunciado linguístico e seu uso na prática de linguagem.

Para verificar possíveis atividades epilinguísticas, considerando essas categorias, verificamos a existência de vestígios que podem denotar uma reflexão por parte dos autores dos *tweets*, inclusive, podendo ocorrer com o uso de ferramentas da metalinguagem aprendida na escola. A análise metalinguística realizada por parte deles pode retratar como se valem dessa ferramenta cognitiva para fazer questionamentos linguísticos.

Retomando as ideias de Jakobson (2010) e Dascal (2002), entendemos que a metalinguagem permite ao falante demonstrar, analisar e conceituar determinado conhecimento linguístico por meio de ferramentas, sendo uma delas, a escrita. O *tweet*, para nós, é uma ferramenta linguística, sob influência direta da escrita, para representar um ato de linguagem. É preciso ressaltar que, para este trabalho, partimos da ideia proposta por Jakobson (2010) no qual podemos pensar em como uso de recursos de metalinguagem são explorados, a partir dos dois tipos de metalinguagem já abordados: como uma prática cotidiana de linguagem, ou seja, o conhecimento linguístico internalizado pelo falante como uma prática social (FLÔRES; GABRIEL, 2012) ou podendo abordar aqueles conhecimentos gramaticais aprendidos na escola, como as denominações de classes de palavras, por exemplo, entendendo que a gramática normativa ou descritiva se configuram como tecnologia cognitiva, por serem um sistema ordenado e estruturado por um “corpo de regras”; para que o falante possa utilizá-las, esses tipos de gramáticas precisam ser aprendidas.

Auroux (1992, p. 16) defende que tal tecnologia é um “sistema regulado por sua própria imagem”, ou seja, a gramática é a representação metalinguística constituída. Assim, optamos aqui em usar o termo *gramática escolar* para nos referir aos dois tipos de metalinguagem, já que nossa intenção é fazer sempre referência aos saberes gramaticais aprendidos pelo falante durante sua vida escolar. Com isso, nosso intuito é entender e descrever como as conceituações e termos da gramática escolar¹⁰ (como as classes nominais, frases, expressões ou demais terminologias) podem ser usados e retratados pelo falante na rede social digital Twitter.

4.3 Início da análise e discussão de dados

Nesta seção, apresentaremos os *tweets* selecionados para verificarmos se os dados escolhidos para análise confirmam nossa hipótese de que os falantes se valem de seus saberes epilinguístico e metalinguístico por meio da escrita na rede social Twitter para expressar suas reflexões linguísticas. Com isso, poderemos confirmar em nossas discussões acerca de se considerar esses conhecimentos se

¹⁰ Lembrando que, como apresentado no capítulo 03 de nossa pesquisa, ao fazermos uso de “gramática escolar”, o uso da terminologia se dá de maneira genérica, ou seja, pretendemos fazer referência à gramática aprendida na escola.

valem como parte do que estamos chamando de tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002). A seguir, daremos início à nossa análise.

4.3.1 Dados com reflexão sobre a relação fonema-grafema

Para iniciar nossa descrição e análise, apresentamos cinco *tweets* que demonstram raciocínio sobre a relação fonema-grafema em relação ao som e determinado vocábulo da língua. Para tanto, a partir das análises feitas nos *tweets* dessa categoria, pudemos observar que há determinada aproximação com referências ortográficas e a oralidade, quer dizer, as reflexões giram mais em torno das relações entre fonemas e grafemas. Ao levantarmos as postagens usadas para a análise feita nessa seção, todas abordavam uma questão em comum: certo “incômodo” causado pelo falante ao relatar aspectos fonológicos de determinada palavra, principalmente na questão da escrita, ou seja, na relação entre, grafema e fonema.

Ao apontarmos tais dados, esses manifestam que a diferença entre oralidade e escrita revela estranhamento ao leitor, o que, segundo Cagliari (2002) reflete a fixação de determinada grafia. Cagliari (1996) aponta que a escrita é uma representação da língua oral, ou seja, seu caráter material. Entendemos, em todos os exemplos usados para análise, que os autores dos *tweets* deixam transparecer determinado estranhamento ao leitor. Isso porque, em todas as postagens, eles fazem associações diretas de aspectos fonológicos em relação à grafia. Compreendemos que, segundo as teorias de Cagliari (1996; 2002), a ortografia se relaciona diretamente ao ver e, por isso, essa estranheza ao ler determinada grafia se consolida. Acompanhemos a discussão proposta pelos exemplos abaixo.

FIGURA 01 – *Tweet* de novembro de 2020

Como pode as palavras "obcecado" e "obsessão" serem sobre a mesma coisa mas com grafias tão filha da putamente diferentes

FONTE: Twitter, extraído da conta @bolivarescobar

A indagação na Figura 01 é em referência à grafia das palavras "obsessão" e "obcecado". Nesse caso, a atividade epilinguística se materializa por meio de algum tipo de estranhamento e deriva em uma reflexão metalinguística (de tipo acessível a todos os falantes) sobre a relação entre o significado das palavras com origem na mesma raiz e, no entanto, grafias bem diferentes que não refletem, nem mesmo, uma proximidade tanto sonora quanto entre elas. Observa-se, sobre a relação fonema-grafema, que o autor salienta o fato de que a grafia de ambas as palavras é diferente, mesmo com a equivalência dos fonemas [S] em ambas as palavras e a similaridade semântica, no que se refere ao uso e ao contexto. Ou seja, esse texto deixa entrever uma análise realizada intuitivamente em um raciocínio de que deveria ter uma relação correspondente entre fonema e grafema. Levamos em consideração os pressupostos de Cagliari (1996, p. 01), quando cita que a escrita é a "representação da língua oral e, portanto, recupera a língua oral". Entendemos que, ao recuperar traços da língua oralizada, o *tweet* em questão deixa ver a associação dos sons com as grafias de "obcecado" e "obsessão", possibilitando a indagação linguística. Há, ainda, uma questão clara de significação em relação aos termos presente no *tweet onde* "serem sobre a mesma coisa" demonstram também uma reflexão semântica, ou seja, apresentarem o mesmo referente.

Ainda, conforme Cagliari (1996, p 01), "ao aproximar com todas as suas características [...] ou seja, ao ler, a escrita volta a ser fala". Vale ressaltar o conhecimento do termo técnico "grafia" como ferramenta metalinguística escolhida pelo autor para poder explicar o seu raciocínio linguístico sobre a relação entre o significado, a oralidade e a escrita. O falante ainda utiliza o enunciado "serem sobre a mesma coisa" para expressar a similaridade semântica, tanto às definições, quanto à proximidade dos usos. A seguir, notamos que o usuário da Figura 02, em sequência ao raciocínio do autor da Figura 01, ao responder seu questionamento e também fazer uma indagação semelhante.

FIGURA 02 – *Tweet* de novembro de 2020

tenho esse problema também com
extensão e estender

FONTE: Twitter, extraído da conta @brubira

Novamente, o autor da postagem acompanha o raciocínio linguístico de outro falante (indicado pela Figura 01), por meio de nossa análise, faz a associação dos fonemas [S] com a diferenciação da escrita, ainda assim, levando também em consideração a proximidade semântica dos vocábulos. O autor do *tweet* da Figura 02 retrata na oração “tenho esse problema” uma indagação linguística que, para ele, seria uma “dificuldade” em relação à escrita e à sonoridade entre os vocábulos “extensão” e “estender”. Esta atividade de metalinguagem se configura como o tipo que está acessível a todos os falantes, fazendo uso da ferramenta (nesse caso, o *tweet*) para externalizar seus conhecimentos linguísticos. Ainda sobre reflexões sobre a relação fonema-grafema das palavras, podemos observar na Figura 03:

FIGURA 03 – *Tweet* de fevereiro de 2022

o fato da grafia Ciriguela ser
gramaticalmente correta me incomoda
um pouco

FONTE: Twitter, extraído da conta @blzbacana

Na reflexão fonema-grafema, o vestígio da atividade epilinguística parece continuar o mesmo em relação à reflexão sobre grafema e fonema, especificamente à produção do fonema [S]. Na Figura 03 e como nos outros casos deste nível de análise, houve um estranhamento em relação à grafia da palavra “ciriguela” e sua grafia, mais especificamente, podendo indicar uma aplicação de uma possível letra “s” em seu início.

A nível metalinguístico, o autor do *tweet* faz uso do tipo de metalinguagem acessível a todos os falantes, usando a postagem na rede social digital como alavancar de uma reflexão sobre a linguagem decorrente de um questionamento que deriva da atividade epilinguística. Neste caso, o autor do *tweet* recorre ao recurso de termos técnicos advindos da gramática escolar, novamente como ferramenta para poder falar sobre sua análise linguística, ou seja, uso da metalinguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002) para auxiliar o autor a fazer sua reflexão técnica, atividade epilinguística sobre o funcionamento da sua língua, levando em consideração as capacidades técnicas e tecnológicas do falante em projetar (VIEIRA PINTO, 2013) e planificar (CUPANI, 2004) esse conhecimento e representá-lo em seu perfil na rede social digital. Ainda assim, o autor da postagem no Twitter se

refere ao termo “grafia” e, também, de “gramaticalmente correta”, ou seja, a padronização, regra ou normatização de uma grafia, segundo o autor do *tweet*, “me incomoda muito”. Observemos a Figura 04:

FIGURA 04 – *Tweet* de junho de 2021

vcs também têm uns surtos com a língua portuguesa às vezes? digitei "faço" e parei por dois segundos pensando meu deus que palavra estranha será que é assim que escreve mesmo

FONTE: Twitter, extraído da conta @mcoouto

A Figura 04 indica o estranhamento provocado pela escrita do verbo “faço”, este um verbo irregular conjugado em primeira pessoa do singular. Esse estranhamento, referente à relação fonema-grafema, foi percebido em nossa leitura uma associação não tão clara entre a escrita do verbo e o fonema [S]. O autor do *tweet* considera esse desconforto um “surto”, ou seja, algo não inesperado.

O autor descreve que o “surto” fez com que parasse e pensasse “que palavra estranha será que é assim que escreve mesmo” em uma tentativa instantânea de verificar um erro de grafia. Essa padronização gerada pela ortografia aprendida pela escola, ou ainda, pelo acesso prescritivo à gramática escolar causa desconforto ao usuário da rede social digital, visto que a ortografia das palavras se dá pela memória (CAGLIARI, 2002). Para nós, as ações de parar e pensar podem indicar vestígios de atividade epilinguística.

E, embora, nenhum recurso terminológico metalinguístico tenha sido empregado para apresentar a análise, é possível pensar que o raciocínio se deu por meio do conhecimento de metalinguagem intralingual, acessível a todos os falantes, derivando uma possível preocupação gerada a partir da aprendizagem escolar de que há certo e errado para o uso da escrita, principalmente, quando o autor da postagem relata a estranheza da escrita, o mesmo que se segue na Figura 05:

FIGURA 05 – Tweet de outubro de 2021

meu deus estudante de letras se
confunde ao escrever a palavra solução
não sabendo se era com ç, s ou dois ss

FONTE: Twitter, extraído da conta @unknownjuao

Para o autor do *tweet* demonstrado na Figura 05, notamos um exemplo semelhante aos anteriores nesta categoria, quando gerado pela associação do fonema [S] com a grafia do vocábulo, causando uma “confusão”. O “não saber” retratado pelo produtor do *tweet* se dá justamente nesse desconforto causado pelas grafias que resultariam em um mesmo som, o fonema [S]. A atividade metalinguística, ainda assim, se faz presente por meio do tipo acessível a todos os falantes, quando faz uma indagação sobre a própria língua acerca da relação fonema-grafema advinda de um conhecimento internalizado dado por intermédio do estudo da gramática escolar.

Outrossim, abordaremos a discussão sobre o domínio da escrita para quem faz a graduação em Letras, levantado pelo autor do *tweet*. Salientamos ainda que, por meio de nossa leitura, o autor deixa transparecer um possível estímulo para a produção do *tweet* não é de fato a análise em si, mas uma visão de que o estudante de Letras deve possuir um conhecimento geral aprofundado sobre os fenômenos linguísticos. No entanto, embora a motivação tenha sido esta, a reflexão feita para atender tal motivação é se valer de uma reflexão metalinguística.

Segundo sua postagem o autor evidencia a ideia que parece ser (para ele) um tanto lógica, isto é, a associação de “ser estudante de Letras” com o domínio da habilidade técnica, isso relembra as ideias de Coulmas (2014, p. 129-130), quando observa que o “conservadorismo linguístico” é “importância ideológica atribuída à competência ortográfica”. Nesse caso, ainda existe a cultura da supervalorização da escrita (BAGNO, 2015) ao “estudante de Letras”.

Finalizamos esta seção com a análise da Figura 06:

FIGURA 06 – Tweet de outubro de 2021

Amiguinhos !
Só lembrando que a grafia , em português , de muçarela é Ç , sim, todos folhetos , encartes e rótulos com SS estão errados.
E Xampu é com X mesmo, Shampoo é a forma escrita em inglês.
Até o próximo plantão !

FONTE: Twitter, extraído da conta @Alessandra_0401

O autor dessa postagem indica sua indagação linguística quando percebe o estranhamento do vocábulo “muçarela” com duas grafias, para representar o fonema [S]. A indicação de uma possível atividade epilinguística pode ser verificada quando o autor da postagem se vale da noção de “erro”, já materializada em metalinguagem, para corrigir os demais usuários da rede social e demonstrar como a grafia do vocábulo acontece de maneira correta, partindo do pressuposto da gramática escolar. Anteriormente, definimos a epilinguagem como uma técnica de reflexão silenciosa, atividade inconsciente feita de maneira não racional por parte do falante (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019). Até esse momento de nossa análise, já foi possível observar que o falante questiona e pondera sobre os acontecimentos linguísticos, valendo-se de tal conhecimento não racionalizado. Nesse caso, notamos que o falante se vale não só de uma atividade metalinguística internalizada, o intralingual para Jakobson (2010), mas também de uma metalinguagem para expressar o conhecimento científico.

Percebemos, em todos os exemplos, relatos de estranheza sobre a relação grafema e fonema. Todas as postagens apresentam termos como “incomoda”, “estranho”, “confunde” na associação do som com a escrita, deixando um vislumbre do conhecimento epilinguístico aparecer, ou seja, o raciocínio feito por ele para se valer de determinada conclusão. A partir de então, também percebemos que o raciocínio do falante se vale, às vezes, do conhecimento metalinguístico para ser expressado, ou seja, faz uso de termos técnicos aprendidos para explicitar tais

fenômenos (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA; BERTUCCI, 2020) a partir de seu conhecimento baseado em termos veiculados à gramática tradicionalmente ensinada na escola.

Pensando sob viés da teoria de Dascal (2002), ao valer-se do conhecimento epilinguístico, ou ainda, o saber natural do falante como técnica, essa se dá pela função ambiente (a “estranheza” referente ao fato linguístico) e, também, pela função de ferramenta da metalinguagem (a descrição utilizada para explicar a dada situação e resolução para tal.

4.3.2 Dados de reflexão morfológica

Baseados em Bertucci (2018), onde podemos destacar o recurso da metalinguagem com intuito de ter um objetivo específico, a seguir analisaremos postagens cuja seleção se deu pela presença de reflexões sobre a organização morfológica da língua. Aqui, também procuramos observar como o falante se vale da metalinguagem aprendida na escola para descrever seu raciocínio linguístico e, como em alguns casos, esse uso deixa entrever também o uso do conhecimento epilinguístico.

FIGURA 07 – *Tweet* de julho de 2020

mulata: a palavra se origina na mula +
ato, tbm n é um bom jeito de se chamar
uma pessoa negra

FONTE: Twitter, extraído da conta @Na_ju013

Na Figura 07, pudemos notar quais processos morfológicos foram analisados pelo autor na construção “mula + ato”. Ao produzir tal texto, o autor se vale de um conhecimento extralinguístico que dá início a uma reflexão metalinguística, que nesse caso, parece transparecer um uso anterior em um contexto de fala racial. Enunciados como “a palavra se origina” dá a ideia de etimologia, mas no *tweet* aqui analisado, este cita apenas como a composição de “mulata” é feita. Além disso, em nossa leitura, percebemos a ideia de morfema raiz (núcleo de base significativa) e,

também, morfema sufixo (somado às raízes para formar um novo vocábulo) para a criação de novas palavras (neste caso, segundo o autor do *tweet*, mula+ato).

Em relação ao uso de metalinguagem, este que surge de uma indagação intralingual (JAKOBSON, 2010) e parte para a metalinguagem em caráter científico, o sinal de acréscimo “+” pode ser interpretado como ferramenta, o que indica a junção de dois termos para que algo novo se forme, este indicado também pela construção “a palavra se origina”. Para nós, o falante utiliza o sinal de pontuação “dois pontos”, este indicado por “:”. Neste caso, entendemos que os dois pontos (:) funcionam como ferramenta aplicada à escrita para introduzir, sob caráter metalinguístico, determinada(s) conceituação(ões) de termos já tratados anteriormente.

Ao observar o uso desses recursos metalinguísticos, é possível perceber a atividade epilinguística realizada na base da análise do autor do *tweet*, demonstrando conhecimento de que a formação de palavras reflete significados cujo uso pode gerar reconhecimentos distintos pragmaticamente.

A Figura 08 reforça este caráter descritivo da linguagem apresentado nas postagens aqui investigadas em que se nota esse mesmo tipo de raciocínio que vincula o conhecimento sobre a relação entre morfologia e significado:

FIGURA 08 – *Tweet* de novembro de 2021

A palavra acarajé se origina da língua africana iorubá:

akará = bola de fogo

jé = comer

Comer acarajé é comer uma bola de 

FONTE: Twitter, extraído da conta @_alineramos

Assim como a postagem da Figura 07, a da Figura 08 também retrata uma formação de vocábulo, ou seja, um raciocínio morfológico. Notamos que o autor quer retratar a proximidade do léxico “acarajé” com o fato de ser uma comida bastante apimentada, indicado pelo autor em sua consideração “comer acarajé é comer uma bola de fogo (representado aqui por uma figura)”. Em sua reflexão linguística, o autor

do *tweet* se vale dos conhecimentos de formação de palavras para explicar como o processo morfológico de acréscimo de sufixos e criação de vocábulos acontece. Percebemos que há, ainda, a indicação de uma atividade metalinguística de parte científica, levando em consideração que o falante se vale desse conhecimento internalizado para buscar classificações e terminologias que possam descrever sua indagação, podendo ser uma gramática ou dicionário. O autor faz uso também da ferramenta de “+” ou sinal de acréscimo, para representar o processo de construção de um vocábulo: “akará” + “jé”.

FIGURA 09 – *Tweet* de junho de 2020

Você sabia? A palavra "pardo" se origina etimologicamente da junção das sílabas par-do, que respectivamente significam "parental" e "abandono".

FONTE: Twitter, extraído da conta @hrz_sosa

Na Figura 09 também notamos a reflexão linguística acerca da morfologia e da formação de palavras. Neste caso, o *tweet* refere-se à construção da palavra “par” que significa “parental” (de acordo com o autor) e “do”, cujo significado é “abandono”. A mobilização de recurso metalinguístico é motivada para fazer sua análise dada a partir do enunciado “você sabia?”, recurso usado para explicar “se origina etimologicamente” são termos que remetem ao dicionário ou à gramática escolar, quando essa aborda a origem de determinado vocábulo que nesse caso, indicam que o falante se vale de uma atividade metalinguística de cunho científico para levar em consideração suas colocações sobre a terminologia. O autor ainda faz uso do termo *sílabas* (par-do, descrito pelo *tweet*), conceito este pertencente à gramática escolar para explicitar seu raciocínio.

Diferente dos casos apresentados com reflexão na relação fonema-grafema, esses três últimos casos, que tratam da origem das palavras e relacionam seus valores semânticos com a organização morfológica, não podem ser objetivamente empregados para verificar vestígios de atividade epilinguística, embora saibamos que os resultados das reflexões apresentadas com recursos metalinguísticos descritos só poderiam ocorrer a partir de um saber epilinguístico. Os primeiros casos

claramente demonstram o uso da metalinguagem em seu caráter intralingual, ou seja, o conhecimento internalizado do falante sobre a própria língua para explicá-la (JAKOBSON, 2010). Nos últimos casos, notamos a presença do caráter científico da metalinguagem, ou seja, dados confirmados por meio da pesquisa e da episteme, também motivados pelo tipo de metalinguagem anteriormente discutida. Isso porque esse tipo de análise parece ser decorrente de cópias feitas por outras reflexões, no entanto, como argumentado aqui na Figura 07, ainda que sejam reflexões possivelmente de cópias de outras análise, a postagem deixa entrever a compreensão epilinguística de que a formação de palavras gera significados que, no uso da linguagem, podem produzir efeitos pragmáticos desconcertantes, diferentes, diversos, em relação aos sentidos das palavras bases para tais formações

Os casos a seguir, parecem denotar mais claramente vestígios de atividade epilinguística. Vejamos o exemplo que segue:

FIGURA 10 – *Tweet* de dezembro de 2019

acabei de perceber que a palavra
"sozinho" na verdade é um diminutivo...
completamente chocado

FONTE: Twitter, extraído da conta @juliostcarvalho

Na Figura 10, o autor do *tweet* demonstra clara atividade epilinguística em nível morfológico quando retrata com a asserção “acabei de perceber”, ou seja, um fato linguístico de origem nova para ele. Demonstra também surpresa ao usar “completamente chocado” para evidenciar o fato novo percebido e descrito por ele. Esse raciocínio se deu quando o autor do *tweet* percebeu que a junção do vocábulo “só” adicionado ao sufixo que indica diminutivo “-inho”, forma a palavra sozinho. Conforme Franchi (1992, p. 35), a atividade epilinguística pode ser vista como a “prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações”. No exemplo, o conhecimento epilinguístico internalizado que o falante possui acerca da morfologia e da formação de palavras, possibilitou tal raciocínio que deu por consequência a surpresa descrita.

Ao descrever a metalinguagem, Franchi (1992, p. 36) propõe que a atividade metalinguística diz respeito a “fatos relevantes de sua língua [...], hipótese[s] sobre a natureza da linguagem e o caráter sistemático das construções linguísticas, e poder um dia falar da linguagem, descrevê-la em um quadro nocional intuitivo ou teórico”. Notamos que, na postagem em 10, os recursos metalinguísticos empregados para dar explicação sobre a descoberta da relação entre o uso de -inho e seu significado foi o emprego do termo “diminutivo”, conceito pertencente à gramática escolar, corretamente aplicado neste caso. Ainda assim, destacamos que a atividade de metalinguagem feita nesse *tweet* se dá como uma prática social, partindo do conhecimento internalizado do autor para planificar e projetar seu questionamento de linguagem em uma rede social digital.

A última ocorrência nessa seção faz uso de um fenômeno de formação de novas palavras que pode ser demonstrado pela Figura 11:

FIGURA 11 – *Tweet* de dezembro de 2020

a lingua portuguesa perdeu uma grande
oportunidade quando não colocou o
coletivo de capivara como Capivárias

FONTE: Twitter, extraído da conta @_hey_jude

Neste outro exemplo, que também retrata reflexão sobre a formação e composição de palavras, a presença de atividade metalinguística pelo autor do *tweet* pode ser vista quando ele usa o termo “coletivos”. Ao se valer dessa ferramenta, ela conduz o leitor a seguir a atividade epilinguística para apontar uma construção morfológica de dois termos distintos, resultando em uma palavra já existente e semelhante a outro plural (no caso, capivaras).

Além disso, a relação entre o significado jocoso de “várias” para ressaltar um uso mais “inteligente” de indicar um conjunto de capivaras se dá pelo conhecimento escolar do sentido de coletivo. O *tweet* apresenta uma amálgama, o que para Azeredo (2010, p. 169) é “um tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais lexemas”. Para nós, a amálgama surge na composição e combinação de dois vocábulos (capi-) e (-várias), indicando ao leitor

uma nova construção que pode gerar um coletivo, ou seja, um conjunto de capivaras.

O autor do *tweet* deixa, dessa forma, entrever sua reflexão epilinguística para a formação de uma nova palavra, portanto, entende que suas construções morfológicas são interessantes e poderiam assim, integrar o léxico e indicar o coletivo para os animais. Esse tipo de atividade epilinguística, para nós, pode representar tanto recursos técnicos ou tecnológicos denotados pelo uso da tecnologia metalinguística aprendida, já que todos os usos possuem objetivos cognitivos e estão ligados à tecnologia, onde para Dascal (2002), esses processos de ordem cognitiva são projetados com determinados propósitos, como a exemplificação.

Ao valer-se deste conhecimento, o falante utiliza a metalinguagem, ou a ideia de “coletivos” para apresentar, subjetivamente, a análise epilinguística que realizou, indicando, inclusive o conhecimento inconsciente de valores pragmáticos distintos advindos do uso jocoso de palavras compostas.

A seguir, as Figuras 12 e 13 ainda retratam a reflexão morfológica.

FIGURA 12 – *Tweet* de fevereiro de 2022

Uma das coisas que mais gosto na TI são as expressões que viraram verbo. Por exemplo, codar, bugar, resetar, etc. Qual outras você costuma ouvir ou falar?

FONTE: Twitter, extraído da conta @absbrandao

Nessa outra ocorrência de postagem que apresenta reflexão sobre formação de palavras, O autor do *tweet* da Figura 12, ao usar termo técnico “verbo” para descrever que há uma percepção acerca de estrangeirismos que formam essa classe de palavras em Língua Portuguesa, faz uso do seu conhecimento morfológico de formação de palavras ao associar a transformação ocorrida, nesse caso, pela adição do morfema “-r” dada a ocorrência iminente de verbos terminados na primeira conjugação “-ar” (codar, bugar, resetar). Ele ainda faz uso do enunciado “uma das coisas que mais gosto”, ou seja, indica uma percepção linguística de que esse tipo de formação é recorrente. O uso de termos e

“expressões” são aprendidas como resultado do conhecimento escolar, referentes à gramática e revelam uma percepção metalinguística ao mobilizar determinada conceituação para exemplificar quais “são as expressões que viraram verbo”. A colocação “por exemplo”, retrata a mobilização genuína de caráter metalinguístico, já que o autor faz uso da linguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002) como recurso linguístico para evidenciar sua explicação. Esse saber instintivo, dados pela atividade epilinguística, mostra de que os morfemas [a+r] em final de nomes transformam os termos em verbos (CÂMARA JR, 2004), pode indicar também um vestígio de epilinguagem que o ajuda a perceber o que está ocorrendo com a língua em transformação. Ao fim, notamos também que a maior incidência de novos verbos que surgem de estrangeirismos, se enquadram na primeira conjugação, no caso, adiciona-se “-ar”.

Há uma continuidade com a Figura 13 dá que apresenta uma sucessão à reflexão.

FIGURA 13 – *Tweet* de fevereiro de 2022

Português faz isso muito fácil, nos jogos é
o q mais tem:
Camperar
Feedar
Nerfar/Bufar
Rushar

Eu sei q tem outros ainda mas n lembro

FONTE: Twitter, extraído da conta @der_Kapit4n

Ao dar continuidade em tal reflexão de formação morfológica, o autor ainda aponta mais ocorrências semelhantes àquelas abordadas na Figura 12, provavelmente, deixando clara a atividade epilinguística, indicando ainda “outros que ainda n lembro” para listar outras formações de verbos, trazendo como exemplificações termos específicos aos jogos digitais, como “camperar, feedar, nerfar ou bufar e rushar”. Para nós, “isso” denota a mobilização da atividade epilinguística para explicar a formação de palavras. A tempo, o autor ainda cita que

“eu sei q tem outros ainda mas n lembro”. Aqui, mobiliza seu repertório linguístico (DASCAL, 2002) para encontrar exemplos semelhantes que se aproximem à indagação dada pela Figura 12, seguindo o mesmo raciocínio gramatical para formar palavras. Os exemplos propostos pelas Figuras 12 e 13 demonstram que é possível, por meio da observação de escrita em postagens de *tweets*, entrever o saber epilinguístico e metalinguístico realizado por seus produtores, quando recorrem aos usos de linguagem nos níveis de recurso e ferramenta que podem ser indicados pelos dois últimos exemplos mostram o uso da metalinguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002), que os autores buscam no momento de exemplificar determinado fato de sua língua, recorrendo aos conhecimentos de metalinguagem com caráter intralingual (JAKOBSON, 2010) ou ainda, aplicados aos conhecimentos científicos encontrados nas gramáticas escolares ou advindos dos estudos gramaticais da escola.

4.3.3 Dados com reflexão sintática

Seguimos com a observação de postagens da rede social digital para exemplificar as ocorrências de análises sobre a organização sintática da língua. Em todos os casos usados e descritos nas postagens que refletem um raciocínio sobre a organização sintática da língua, os autores dos *tweets* fazem uso de metalinguagem, especialmente ao empregarem o termo “expressão” como equivalente à frase, oração ou enunciado *in loco*. Para nós, o uso desse recurso faz menção às terminologias citadas pelo aprendizado que toma como base a gramática escolar.

FIGURA 14 – *Tweet* de junho de 2019

eu tenho uma mania de usar e abusar
dessa abertura que a língua portuguesa
tem de colocar objeto sujeito etc em
qualquer lugar da frase, as vezes eu acho
que escrevi do jeito padrão mas inverteo
tudo kkkkkk

FONTE: Twitter, extraído da conta @sgrarity

Na Figura 14, o enunciado “abusar dessa abertura que a língua portuguesa tem de colar objeto sujeito etc em qualquer lugar da frase”, denota conhecimento metalinguístico completamente de acordo com o que se usaria na gramática escolar completando ainda com termos gramaticais como “objeto”, “sujeito”, “frase”, aprendidos por intermédio de um conhecimento linguístico escolar. O falante deixa claro que esse “abuso” possui “limites”, dados pela própria organização da língua. Para nós, esse exemplo se faz válido segundo as concepções de sintaxe advindas, por exemplo, das teorias de Perini (2005) e Azeredo (2010), principalmente quando retratam a sintaxe como ordem dos termos em um enunciado.

É possível que a técnica de colocar os sintagmas em diferentes posições da sentença seja resultante de reflexão epilinguística por parte do autor do *tweet* e nesse caso, corroborada pelo conhecimento tecnológico aprendido na escola sobre a posição dos complementos “objetos”, pois o autor cita que tem “mania de usar e abusar dessa abertura da língua portuguesa”. Entendemos que, quando o autor se refere a essa “abertura”, deixa vestígio do seu saber epilinguístico sobre a possibilidade de mudança na ordem dos constituintes da dita “frase”. Neste caso, percebemos que quando o autor do *tweet* diz “qualquer lugar da frase”, o sujeito tem consciência das possibilidades de organização da frase. Ainda assim, notamos que a atividade de metalinguagem leva em consideração os saberes intuitivos do falante, ou seja, o caráter intralingual (JAKOBSON, 2010). Na Figura 15, também pudemos observar quando o autor do *tweet* valeu-se de seus conhecimentos sintáticos ao explicar e descrever determinada reflexão linguística.

FIGURA 15 – *Tweet* de maio de 2022

eu gosto do Twitter pq aqui da pra escrever as frases na ordem indireta e tá tudo bem tipo, se eu quiser colocar "na padaria comprei pão ontem" ao invés de "comprei pão na padaria ontem" vai tá ótimo tbm (talvez N dê pra entender a frase? talvez, mas faz parte)

FONTE: Twitter, extraído da conta @tt_da_mel

Na Figura 15, observamos a mesma atividade epilinguística de nível sintática já realizada na Figura 14, em que o falante indica sua reflexão linguística ao citar a ordem dos constituintes de uma oração. Observamos sua análise sobre o uso de “ordem indireta”, “na padaria comprei pão ontem”, seguindo a atividade de epilinguagem do falante para “ordem direta”, que para ele exemplifica por “comprei pão na padaria ontem”.

Além disso, o autor deixa entrever sua análise quando diz que “talvez N dê para entender a frase? talvez, mas faz parte”, ao demonstrar preocupação de que no momento da interlocução o significado seja comprometido na dependência da ordem dada para a sentença. Como recursos metalinguísticos, percebemos o uso de terminologias referentes à gramática escolar: “frase”, “ordem” e usa o enunciado “tudo bem também”, ao se referir a uma compreensão e conhecimento linguístico por parte dos leitores de sua postagem em relação à ordem dos termos dispostos e a adequação de uso pragmático.

No exemplo a seguir, na Figura 16, percebemos uma reflexão bastante semelhante, ao levar em consideração determinada palavra que, segundo o autor, pode ser colocada em qualquer parte do enunciado. Notamos na reflexão proposta por ele que, ao deslocar determinado constituinte dentro de uma oração, esse deslocamento não acontece de forma aleatória.

FIGURA 16 – *Tweet* de agosto de 2021

"Caralho" é uma palavra que você pode colocar em qualquer caralho de lugar que o caralho da frase ainda faz sentido pra caralho.

FONTE: Twitter, extraído da conta @cantorvs_

Ao citar que o termo “caralho” pode ser colocado em qualquer lugar, o autor deixa pistas sobre sua análise epilinguística quando cita que “ainda faz sentido”, ou seja”, independentemente de onde o termo esteja dentro da frase, estando sintaticamente correto em decorrência de sua classe morfológica. Assim, o raciocínio linguístico realizado estabelece uma relação entre o saber sobre a organização

sintática e semântica da língua dada pelo conhecimento natural de uso do sistema linguístico.

Os autores dos *tweets* descritos acima fazem uso da técnica ou se valem da atividade epilinguística e expressam isso se valendo do conhecimento tecnológico da metalinguagem e do seu caráter representativo da língua, fazendo uso da atividade metalinguística em seu tipo intralingual (JAKOBSON, 2010) para explicar a própria língua. Assim, ainda defendemos a metalinguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002), pois pudemos observar que o falante se vale de seus conhecimentos técnicos epilinguísticos para realizar reflexão linguística e usar a metalinguagem para relatar os fenômenos da língua e ao fazer uso da escrita para representá-la (COULMAS, 2014).

4.3.4 Dados com reflexão semântico-pragmática

A seguir, abordaremos a última categoria de análise, isto é, postagens com a presença de reflexões semântico-pragmáticas. Englobamos, no decorrer nesta seção, as ocorrências que se demonstraram pertinentes ao campo da significação e uso nas práticas de interlocução.

FIGURA 17 – *Tweet* de junho de 2021

o verbo “coisar” foi a palavra mais util q
o brasileiro inventou

FONTE: Twitter, extraído da conta @ounojo

Para nós, o autor que propôs a reflexão da Figura 17, faz uso das aspas para denotar uma análise sobre o termo “coisar” como verbo, mas, ainda assim, indicando que ele sabe que essa palavra não seria de fato um verbo na Língua Portuguesa, sob ótica da gramática escolar. O comentário deixa vestígios que mostram que o autor do *tweet* tem a informação muito clara que a palavra “coisar” deriva do substantivo “coisa”, mostrando sua reflexão epilinguística.

Sendo assim, na postagem acima, a metalinguagem se configura no uso dos termos “verbo” que utiliza para referir-se à “coisar”; também o vocábulo “palavra” quando se refere a um item do léxico de forma genérica.

FIGURA 18 – *Tweet* de julho de 2018

Não falha nunca: depois de uma frase preconceituosa, o sujeito manda algo do tipo "vocês também se doem com tudo".

FONTE: Twitter, extraído da conta @quasemarcio

Para nós, ao apresentar tal reflexão, o falante decorre de um conhecimento extralinguístico que decorre em sequência na sua análise. A metalinguagem, aqui, decorre de uma análise contextual (DASCAL, 2006) levando em consideração não só as colocações expressas pelo *tweet*, mas também a motivação metalinguística que originou tal postagem. Nesse comentário, a reflexão do autor indica que a “frase preconceituosa” que segue a ordem de aparecimento, precede termos que corroboram com a ideia de preconceito supracitada, ou seja, “a frase preconceituosa” vem antes e, “depois”, algo que soa de maneira insensível. Nesse caso, a reflexão epilinguística também parece transparecer uma preocupação com os valores pragmáticos e as formas de dizer, e para explicar sua ideia, o autor recorre a ferramentas metalinguísticas, ao empregar termos como “frase” e “sujeito”, pertencentes à gramática aprendida na escola.

FIGURA 19 – *Tweet* de dezembro de 2021

se tem uma coisa que acho chatíssimo são tuites e posts que começam com "tive a honra de". o que pode eventualmente interessar é o que vem depois da preposição, não o sujeito da oração.

FONTE: Twitter, extraído da conta @sgoldbaum

Na Figura 19, observamos recursos metalinguísticos na descrição como “preposição” e “sujeito da oração” para o autor conseguir demonstrar sua preocupação com o uso, para ele inadequado, de postagens que não vão direto ao tema a ser discutido, mas apresentam um início desnecessário do ponto de vista semântico-pragmático. Observamos que, para o autor dos *tweets* que iniciam com

“tive a honra de” são interessantes apenas no que se refere ao conteúdo (ou seja, aquilo que vem “depois da preposição”).

Neste caso, o saber epilinguístico está presente na preocupação de que, na predisposição dos termos “o que vem depois”, o que interessa avaliar é o vínculo que essa expressão traz com o que será de fato enunciado. Assim, a preocupação do autor está voltada para o valor semântico da frase.

A Figura 20 apresenta o caso de forma semelhante:

FIGURA 20 – *Tweet* de julho de 2020

Dengo é a palavra mais linda da nossa língua. E sua etimologia é, para mim, o marcador do que a ancestralidade traz no bojo. Do quicongo(uma língua do povo banto), dengo é esse espaço de aconchego, de poder ser okan, de estar serena, ter afago, sem me preocupar.

FONTE: Twitter, extraído da conta @cacaaurcf

No raciocínio proposto pela Figura 20, o autor do *tweet* vale-se de seus conhecimentos metalinguísticos sobre a etimologia da palavra “dengo” para demonstrar que seus valores semântico-pragmáticos denotam coisas e sensações agradáveis. O autor não só reforça a busca e a aplicabilidade da conceituação de tal palavra, mas também, os contextos culturais, sociais e linguísticos em que determinada terminologia se encontra e seus usos na língua, dados, nesse caso, por sua atividade epilinguística. Ainda assim, destacamos que aqui, notamos o caráter contextual da língua (DASCAL, 2006), ou seja, contextos onde o autor o pode experimentar situações que articulem com as propriedades semânticas do vocábulo. Nesse caso, o falante faz uso da metalinguagem em seu caráter científico para indicar uma reflexão já indicada anteriormente pela metalinguagem em âmbito intralingual (JAKOBSON, 2010). Em nossa próxima análise, apresentamos como exemplo mais uma postagem em que a análise do autor demonstra um raciocínio semântico-pragmático. Na Figura 21, o comentário também segue por essa linha avaliativa do valor semântico-pragmático do uso de expressões:

FIGURA 21 – *Tweet* de março de 2020

"O português é uma língua maravilhosa porque é a única com a palavra saudade!"
 >em forma de substantivo. O conceito de sentir falta de alguém é bem fácil de expressar em tudo quanto é língua. E putz, é bem provável que outras línguas tenham em substantivo também

FONTE: Twitter, extraído da conta @SahgoDN

O autor do *tweet* da Figura 21 faz uso da atividade epilinguística quando estabelece um raciocínio para chegar à determinada conclusão sobre a aplicação do significado da palavra “saudade”. Ao descrever sua compreensão sobre o vocábulo “saudade”, o autor traz as informações sobre a conceituação daquela palavra e suas condições de uso e produção, indicadas por “fácil de expressar” e “é bem provável”. Aqui também podemos entender que a metalinguagem, partindo de base do tipo científico, vem como ferramenta para auxiliar o autor a realizar a descrição de sua análise ao usar “substantivo” e valendo-se de seu conhecimento explícito acerca da conceituação e da aplicabilidade sobre o que é um “substantivo” e quais as regras para que “saudade” seja enquadrada como “substantivo”.

FIGURA 22 – *Tweet* de junho de 2021

O “meu bem” é o vocativo mais bonito da língua portuguesa, né. Ele é afetivo sem ser exagerado. Pode ser usado em contextos românticos ou amigáveis. Tem um toque retrô, um charminho antigo. Nunca é demais nem de menos, “meu bem” é tudo.

FONTE: Twitter, extraído da conta @dxleet

Como recursos que mostram conhecimentos metalinguísticos, temos o uso de “vocativo” e “contexto”. A partir desses recursos, o autor organiza sua postagem

para explicitar a significação e uso da expressão “meu bem” como tendo um caráter afetivo, ou seja, aplica-se em contextos de informalidade e proximidade. A metalinguagem, nesse caso, parte do conhecimento intralingual do falante (JAKOBSON, 2010) aliado ao contexto em que a expressão é usada (DASCAL, 2006). Além disso, a reflexão de *onde usar* conforme descrito pelo autor, o “dengo” pode ser empregado “em contextos românticos e amigáveis”, fazendo também uso de sua atividade epilinguística para explicar em que contextos pragmáticos a construção “meu bem” é utilizada e como o leitor pode interpretá-la, além de “nunca é demais ou de menos”. O enunciado “pode ser usado”, estabelece determinada regra, maneira de ser utilizada indicando também assim uma atividade epilinguística.

Notamos, no dado proposto pela Figura 22, um caso bastante semelhante que relata a seguinte descrição linguística:

FIGURA 23 – *Tweet* de setembro de 2020

Eu amo a expressão “não é nada, não é nada” e seguida de uma tonelada de alguma coisa

FONTE: Twitter, extraído da conta @MiaMello

O *tweet* da Figura 23 indica a reflexão epilinguística por meio das indagações quando o autor se refere à expressão “não é nada” e explica que algo virá como complementação, neste caso, a antítese dos termos “nada” e de “tudo”, de forma subjetiva, compreendida apenas no momento do uso pragmático. O falante, ao indicar que o termo “nada” faz referência a uma ironia e essa indica “tudo”, ou seja, o que será falado depois, descrita pelo autor da postagem como “uma tonelada de alguma coisa”, demonstrando que, o leitor é capaz de perceber essa ironia, sendo precedida de algo. Novamente, a reflexão epilinguística parece se valer da ferramenta da metalinguagem, aprendida na escola com o uso de “expressão” e “e seguida de”, marcadores propostos por Aurox (2009), além do uso do enunciado como indicativo de uma informação a ser complementada.

Ao encerrar nossa análise, buscamos ressaltar as diversas maneiras como os autores das postagens selecionadas por apresentarem algum tipo de reflexão

linguística se expressam nos *tweets* valendo-se da tecnologia aprendida na escola como metalinguagem que lhes permite discutir assuntos sobre a organização da língua. Em todos os exemplos, procuramos entender como o falante mobiliza os recursos e ferramentas linguísticas para a produção de um *tweet*, este contendo vestígios de atividade epilinguística que serão materializadas por uma exemplificação mediada por um conhecimento tecnológico, nesse caso, a gramática escolar ou dicionários. Portanto, procuramos evidenciar como a metalinguagem, sendo de tipo intralingual (JAKOBSON, 2010) ou de caráter científico, auxiliou os autores dos *tweets* a exporem suas análises, levando em consideração a capacidade de projetar e planificar (CUPANI, 2004; VIEIRA PINTO, 2013) tais questionamentos linguísticos e em como essas capacidades poderiam auxiliar no planejamento de colocar essas indagações sobre a própria língua em postagens de até 280 caracteres. Nos casos observados, o autor interpela seus conhecimentos gramaticais para exemplificar os fenômenos linguísticos, ou seja, usa seu saber gramatical escolar como ferramenta cognitiva tecnológica para expor a técnica que sustenta o saber epilinguístico que ocorre sobre o conhecimento natural que o falante tem sobre como usar sua língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivo desta pesquisa, procuramos analisar e descrever como os autores dos *tweets* fazem uso de recursos metalinguísticos, onde buscamos analisar se, de fato, os usuários do Twitter utiliza a rede social digital, fazendo uso da escrita para analisar, descrever e conceituar fatos sobre sua própria língua, recorrendo à metalinguagem. Em nosso segundo capítulo, buscamos não só atrelar os conceitos de linguagem e tecnologia, mas também, situar o presente trabalho na grande área de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UTFPR. Para isso, iniciamos a abordagem teórica que visou veicular a epilinguagem ao conhecimento técnico e a metalinguagem ao conhecimento tecnológico. Assim, nesse capítulo os conceitos de técnica (CUPANI, 2004; 2011; ORTEGA Y GASSET, 2009) e tecnologia foram apresentados e levou-se em consideração destacar a tecnologia como uma realidade *polifacetada*; a partir de então, procuramos articular as conceituações de língua (SAUSSURE, 2008; AZEREDO, 2000; MARCUSCHI; DIONISIO, 2007; BENVENISTE, 1991) e escrita (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009) às ideias de técnica e tecnologia, além de destacar ainda, os recursos de projetar e planificar do ser humano (CUPANI, 2004; VIEIRA PINTO, 2013). Também abordamos a escrita como uma forma de representação de línguas humanas (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009) e, portanto, como uma tecnológica. Ao fim do capítulo, apresentamos propostas que defendem que o homem se projeta (VIEIRA PINTO, 2013) em suas relações sociais digitais (HALL, 1997; RECUERO, 2009), além de enfatizar o uso da escrita como ferramenta para ampliar tais relacionamentos.

A seguir, no terceiro capítulo, procuramos discutir sobre os conceitos de epilinguagem (CULIOLI, 1968; 1995; CULIOLI; NORMAND, 2005; ROMERO, 2011; 2019) e da metalinguagem (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI; NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA & BERTUCCI, 2020) e como estes conceitos estariam atreladas às noções de técnica e tecnologia, respectivamente. Ambos, propriedades humanas, compreendem-se de formas distintas, mas dependentes: o primeiro refere-se à capacidade não racional de caráter cognitivo, “o que está ‘por cima’ da linguagem, agindo diretamente nela” (BAGNO, 2015). Neste trabalho, propõe-se a epilinguagem como componente cognitivo, seguido pela linguagem que, segundo Flôres e Gabriel

(2012), torna capaz toda a representação e materialização da atividade epilinguística. Indo além, destacamos a metalinguagem (NASCIMENTO, 1990; CULIOLI & NORMAND, 2005; DASCAL, 2006; JAKOBSON, 2010; FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012; BERTUCCI, 2018; SOUZA & BERTUCCI, 2020) como atividade linguística e representativa que permite ao falante descrever e analisar fenômenos de sua própria língua. Para nós, o falante é capaz de recorrer ao seu conhecimento de metalinguagem para expressar seu saber epilinguístico ao indagar sobre situações linguísticas que possam oferecer algum tipo de questionamento a ele. Nesse caso, a atividade metalinguística torna possível a descrição e a exemplificação de tal dúvida. Ao buscar formas de explicá-la, o falante faz uso da linguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002), ou melhor, é capaz de articular-se cognitivamente para escolher determinados padrões linguísticos que serão adequados naquela situação de linguagem. Ao fim deste capítulo, expomos a ideia da metalinguagem como uma prática social (JAKOBSON, 2010), levando em consideração que todo falante é capaz de produzir metalinguagem e, além do mais, é capaz de refletir sobre a língua, analisá-la e descrevê-la.

No último capítulo, analisamos as amostras do *corpus* usadas neste trabalho que se encontram dispostas no Twitter. Ao escolher a rede social digital supracitada, levamos em consideração o número pequeno de caracteres que possibilitaram reflexões linguísticas, mas também a escrita como uma tecnologia “recuperável”, ou seja, algo que pode ser revisto, restabelecido, relido e a possibilidade de interação com outros leitores que também fazem uso da rede social digital. Por isso, o uso do *tweet* vai além da ideia de *microblogging* (RECUERO, 2009), mas demonstra uma ferramenta expressiva para o usuário, indo além do recurso linguístico, mas mais um de seus símbolos (CASSIRER, 2012).

Em primeiro lugar, durante as análises feitas, levamos em consideração as amostras dispostas pelo próprio Twitter, alavancadas pelo recurso do engajamento, ou seja, quando pessoas do círculo social dos pesquisadores curtiram/comentaram os exemplos acima retratados. Na seção de delimitação de *corpus* e metodologia, pudemos descrever todas as motivações de levantamento de dados, procedimentos metodológicos e as hipóteses a serem confirmadas. De fato, reconhecemos pela análise dos dados que os falantes deixam vestígios de atividade epilinguística nas descrições dos fenômenos linguísticos retratados nos *tweets* e indo além, fazem uso da atividade metalinguística para exemplificar suas indagações, recorrendo a termos

da gramática escolar para expressar e demonstrar suas reflexões sobre os fatos linguísticos destacados pelas postagens

Escolhemos, a partir dos dados coletados, os vinte e três *tweets* que oferecessem algum tipo de reflexão linguística e conseguimos enquadrá-los em todas as categorias de análises. As postagens demonstraram, de modo satisfatório, que o falante não só se vale de seus conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos, mas, é capaz de adequá-los a quaisquer situações linguísticas, sendo essa uma capacidade cognitiva abordada por Dascal (2002), levando em consideração o contexto de produção escrita pela rede social digital (limite de caracteres, informalidade, recursos de interação, etc.) e a condição de produção, ou seja, de forma rápida e interativa. Os dados, compostos por *tweets*, demonstram como o falante busca elementos conscientes em sua planificação para propor ou escrever o texto, sendo tais elementos de forma inconscientes (a análise epilinguística), havendo também nesse plano, recursos conscientes (por exemplo, a tecnologia gramatical aprendida na escola). O Twitter, como rede social usada neste trabalho, forneceu um arsenal rico de observações e raciocínios linguísticos, dando ao falante uma gama de possibilidades de reflexão linguística. Essas, surgem a todo momento, todos os dias.

Durante as análises, as atividades de epilinguagem e de metalinguagem, apresentadas nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático, podem ser percebidas em todos os dados analisados a presença de uma reflexão espontânea (ROMERO, 2011; 2019), a partir do momento que tais reflexões puderam ser descritas e analisadas, essas se tornaram metalinguísticas (FLÔRES, 2011; FLÔRES; GABRIEL, 2012), ou seja, partem de um raciocínio tecnológico (AUROUX, 1992; COULMAS, 2014; GNANADESIKAN, 2009). Sendo assim, concluímos que o *tweet* é uma ferramenta usada pelo falante como recurso para refletir sobre a linguagem. É pela análise dos dados acima que, de fato, confirmamos nossa hipótese na qual afirmamos que os falantes recorrem aos conhecimentos técnico e tecnológico, ou reflexões epilinguística e metalinguística, respectivamente, ao fazerem uso da ferramenta da escrita na rede social Twitter para expressar suas reflexões linguísticas. Aliados aos conhecimentos gramaticais advindos pela escola, os autores dos *tweets* puderam expressar, em todas as postagens, seu conhecimento ou dúvidas ou surpresas sobre os usos possíveis das

estruturas linguísticas. Aqui, a metalinguagem como prática social (JAKOBSON, 2010) fez-se clara.

Sendo assim, como pesquisas futuras, sugerimos aos leitores deste trabalho: o estudo e descrição das atividades de epilinguagem e metalinguagem nas diversas redes sociais, como Facebook e Instagram; a escrita como tecnologia em diferentes esferas de comunicação e como outra possibilidade, a mobilização da metalinguagem em esferas jornalísticas digitais, tais como as postagens de uma rede social digital ou análises de conteúdo *online*. O último, em especial, é pertinente aos colegas que cursaram disciplinas da área de Linguagem e Tecnologia; pode-se destacar também como possibilidade, o uso da metalinguagem como recurso para descrever termos técnicos pertinentes à área (*lide*, chamada, furo de reportagem) para leitores, por exemplo. Como hipótese, uma possibilidade poderia ser a maneira em que os jornalistas fazem uso da linguagem como tecnologia cognitiva (DASCAL, 2002) para explicitar tais termos. Recorre-se à metalinguagem, visto que, qualquer falante é capaz de produzi-la (JAKOBSON, 2010).

Dela e por ela: a metalinguagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE. O “meu bem” é o vocativo mais bonito da língua portuguesa, né. **Ele é afetivo sem ser exagerado. Pode ser usado em contextos românticos ou amigáveis. Tem um toque retrô, um charminho antigo. Nunca é demais nem de menos, “meu bem” é tudo.** Brasil, 15 de junho de 2021. Twitter: @dxleet.
Disponível em:
<https://twitter.com/dxleet/status/1404852104292864008?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola, 2009.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- AUROUX, Sylvain. **Filosofia da linguagem.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.
- AZEDO, Mel. **Eu gosto do Twitter pq aqui da pra escrever as frases na ordem indireta e tá tudo bem tipo, se eu quiser colocar "na padaria comprei pão ontem" ao invés de "comprei pão na padaria ontem" vai tá ótimo tbm (talvez N dê pra entender a frase? talvez, mas faz parte).** Brasil, 11 de maio de 2022. Twitter: @tt_da_mel. Disponível em:
https://twitter.com/tt_da_mel/status/1490496267156458329?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 15 de junho de 2022.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico.** 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I.** São Paulo: Pontes, 1991.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. Metalinguagem como recurso argumentativo em textos religiosos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 1, p. 209-225, 2018. Disponível em:
<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1792/1538>. Acesso em: 21 de abril de 2021.
- BRANDÃO, André. **Uma das coisas que mais gosto na TI são as expressões que viraram verbo. Por exemplo, codar, bugar, resetar, etc. Qual outras você costuma ouvir ou falar?** Brasil, 06 de fevereiro de 2022. Twitter: @absbrandao.
Disponível em:
<https://twitter.com/absbrandao/status/1490483031496343552?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 15 de março de 2022.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A escrita no século XXI (ou além disso). **Ensaio do IEL.** Campinas: IEL-UNICAMP, 1996. Disponível em:

<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/cagliari.html>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. **Educar**, Editora UFPR: Curitiba, n. 20, p. 43-58. 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 36. ed. Campinas: Editora Vozes, 2004.

CARVALHO, Julio. **Acabei de perceber que a palavra "sozinho" na verdade é um diminutivo... completamente chocado**. Brasil, 04 de dezembro de 2019. Twitter: @julioستcarvalho. Disponível em: <https://twitter.com/julioستcarvalho/status/1202300637301612544?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CORRÊA, Fabiano Simões **Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da Internet**. Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/es.php>. Acesso em: 21 de março de 2021.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola, 2012.

COUTO, Mia. **Vcs também têm uns surtos com a língua portuguesa às vezes? digitei "faço" e parei por dois segundos pensando meu deus que palavra estranha será que é assim que escreve mesmo**. Brasil, 14 de junho de 2021. Twitter: @miacouto Disponível em: <https://twitter.com/mcoouto/status/1404439484066848771?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

CULIOLI, Antoine. **Cognition and representation in linguistic theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

CULIOLI, Antoine. **La formalization en linguistique**. Cahiers pour l'analyse (Paris), n.9, p. 106-17, 1968.

CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris: Ophrys. 2005.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**: um convite. 3a ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientae Studia**, v. 2, n. 4, p. 493 – 518, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ss/v2n4/a02v2n4.pdf>. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

DASCAL, Marcelo. Language as a cognitive technology. **International Journal of Cognition and Technology**, v. 1, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/ijct-rv.htm>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e Compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

ESCOBAR, Bolívar. **Como pode as palavras "obcecado" e "obsessão" serem sobre a mesma coisa mas com grafias tão filha da putamente diferentes**. Brasil, 16 de novembro de 2020. Twitter: @bolivarescobar. Disponível em: <https://twitter.com/bolivarescobar/status/1328383589298429954?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

FLÔRES, Onici Claro. (Meta)Linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.14, n.1, p. 243-261, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15389/9576>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

FLÔRES, Onici Claro; GABRIEL, Rosângela. Da relação pensamento e linguagem ao estudo interdisciplinar da mente. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 155-178, jan./abr. 2012. Acesso em: 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/hZmnqHSr4gBdRFRZGDSqxym/?lang=pt&format=pdf>.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Curitiba: Editora Vozes, 2019.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – Atividade constitutiva. In: FRANCHI, C. **Linguagem – atividade constitutiva: teoria e poesia**. Org. Eglê Franchi e Luiz Fiorin. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 37-74.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e Gramática**. São Paulo: Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GNANADESIKAN, Amalia E. **The writing revolution: cuneiform to the internet**. United Kingdom: Wiley-Blackwell Publishing, 2009.

GOO, Yuri. **A lingua portuguesa perdeu uma grande oportunidade quando não colocou o coletivo de capivara como Capivárias**. Brasil, 06 de dezembro de 2020. Twitter: @_hey_jude. Disponível em: https://twitter.com/_hey_jude/status/1335563252126916608?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 01 de setembro de 2021.

HALL, Stuart. Introduction. In: **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: SagePublications, 1997.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

JANSON, Tore. **A história das línguas**: uma introdução. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

JOÃO. **Meu deus estudante de letras se confunde ao escrever a palavra solução não sabendo se era com ç, s ou dois ss**. Brasil, 27 de outubro de 2021. Twitter: @unknownjuao. Disponível em: <https://twitter.com/unknownjuao/status/1490475869635241475?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

JULEO. **O verbo “coisar” foi a palavra mais util q o brasileiro inventou**. Brasil, 21 de junho de 2021. Twitter: @ounojo. Disponível em: <https://twitter.com/ounojo/status/1406976497877983234?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 06 de janeiro de 2022.

KAROLZINHA. **Dengo é a palavra mais linda da nossa língua. E sua etimologia é, para mim, o marcador do que a ancestralidade traz no bojo. Do quicongo(uma língua do povo banto), dengo é esse espaço de aconchego, de poder ser okan, de estar serena, ter afago, sem me preocupar**. Brasil, 20 de julho de 2020. Twitter: @cacaaurf. Disponível em: <https://twitter.com/cacaaurf/status/1285210911561711616?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

LIMA, Ivo Limeira de. **O fato da grafia Ciriguela ser gramaticalmente correta me incomoda um pouco**. Brasil, 07 de fevereiro de 2020. Twitter: @blzbacana. Disponível em: <https://twitter.com/blzbacana/status/1490134628584769523?s=20&t=43sETLdEvcc3h4yrCFyjJw>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARCIO. **Não falha nunca: depois de uma frase preconceituosa, o sujeito manda algo do tipo “vocês também se doem com tudo”**. Brasil, 17 de julho de 2018. Twitter: @quasemarcio. Disponível em: <https://twitter.com/quasemarcio/status/1019204163576713217?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1.ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MELLO, Miá. **Eu amo a expressão “não é nada, não é nada” e seguida de uma tonelada de alguma coisa**. Brasil, 11 de dezembro de 2021. Twitter: @miamello. Disponível em: <https://twitter.com/miamello/status/1469755276769337345?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

NASCIMENTO, Edna. Metalinguagem natural e teoria da linguagem. **Alfa**, 34:115-120,1990.

NAJU. **Mulata: a palavra se origina na mula + ato, tbm n é um bom jeito de se chamar uma pessoa negra.** Brasil, 17 de julho de 2020. Twitter: @Na_ju013.

Disponível em:

https://twitter.com/na_ju013/status/1284277587590680576?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

NICOLAS. **Português faz isso muito fácil, nos jogos é o q mais tem: Camperar Feedar Nerfar/Bufar Rushar Eu sei q tem outros ainda mas n lembro.** Brasil, 06 de fevereiro de 2022. Twitter: @der_kapit4n. Disponível em:

https://twitter.com/der_kapit4n/status/1490497134503866369?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 15 de março de 2022.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação sobre a técnica.** Lisboa: Fim do Século Edições, 2009.

RAMOS, Aline. **A palavra acarajé se origina da língua africana iorubá: akará = bola de fogo jé = comer Comer acarajé é comer uma bola de [fogo].** Brasil, 16 de novembro de 2021. Twitter: @_alineramos. Disponível em:

https://twitter.com/_alineramos/status/1460722857454014472?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 06 de janeiro de 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMERO, Márcia. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, p. 152-163, 2011. Disponível em: http://revel.inf.br/files/artigos/revel_16_epilinguismo.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2021.

ROMERO, Márcia. **Manual de linguística: Semântica, pragmática e enunciação.** Curitiba: Editora Vozes, 2019.

RUBIRA, Bárbara. **Tenho esse problema também com extensão e estender.**

Brasil, 16 de novembro de 2020. Twitter: @brubira. Disponível em:

<https://twitter.com/brubira/status/1328383952961277952?s=20&t=43sETLdEvcc3h4yrCFyjJw>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

SAHGO. **"O português é uma língua maravilhosa porque é a única com a palavra saudade!" >em forma de substantivo. O conceito de sentir falta de alguém é bem fácil de expressar em tudo quanto é língua. E putz, é bem provável que outras línguas tenham em substantivo também.**

Brasil, 03 de outubro de 2020. Twitter: @SahgoDN. Disponível em:

<https://twitter.com/sahgodn/status/1312483222702362627?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

SANTOS, Alessandra. **Amiguinhos ! Só lembrando que a grafia , em português , de muçarela é Ç , sim, todos folhetos , encartes e rótulos com SS estão errados. E Xampu é com X mesmo, Shampoo é a forma escrita em inglês. Até o próximo plantão !** Brasil, 31 de outubro de 2021. Twitter: @Alessandra_0401.

Disponível em:

https://twitter.com/alessandra_0401/status/1454927830412890112?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

SGOLDBAUM. Se tem uma coisa que acho chatíssimo são tuites e posts que começam com "tive a honra de". o que pode eventualmente interessar é o que vem depois da preposição, não o sujeito da oração. Brasil, 08 de dezembro de 2021. Twitter: @sgoldbaum. Disponível em: <https://twitter.com/sgoldbaum/status/1468760674226651143?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

SGRARITY. Eu tenho uma mania de usar e abusar dessa abertura que a língua portuguesa tem de colocar objeto sujeito etc em qualquer lugar da frase, as vezes eu acho que escrevi do jeito padrão mas inverte tudo kkkkkk. Brasil, 17 de junho de 2019. Twitter: @sgrarity. Disponível em: <https://twitter.com/sgrarity/status/149052545286975005?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, Francielly Rodrigues. **Uso da pontuação em textos narrativos de alunos do sétimo ano do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p.133, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9652/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

SOARES, Vinicius. **"Caralho" é uma palavra que você pode colocar em qualquer caralho de lugar que o caralho da frase ainda faz sentido pra caralho.** Brasil, 31 de agosto de 2021. Twitter: @cantorvs_. Disponível em: https://twitter.com/cantorvs_/status/1432769377959653387?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 15 de junho de 2022.

SOSA. Você sabia? A palavra "pardo" se origina etimologicamente da junção das sílabas par-do, que respectivamente significam "parental" e "abandono". Brasil, 17 de junho de 2020. Twitter: @hrz_sosa. Disponível em: https://twitter.com/hrz_sosa/status/1273317569345314819?s=21&t=htvdhFLsHsFGFI9sUciB1Q. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

SOUZA, Andressa Louise; BERTUCCI, Roberlei Alves. Mobilização dos conhecimentos epilinguístico e metalinguístico: a linguagem como tecnologia cognitiva. **Revista Discentis**, UNEB, DCHT - XVI, Irecê, v. 8, n. 1, p.58 -73, jun./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/discentis/article/view/7959/pdf>. Acesso em: 21 de abril de 2021.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; CARDOSO, Carla. As redes sociais digitais: um mundo em transformação. **Agenda Social**, v.5, n. 1, jan-abr/2011, p. 65 - 78. Disponível em: http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_8427_1312371250.pdf. Acesso em: 03 de abril de 2021.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto: 2013.

SILVA, Carlos Eduardo da. **Metalinguagem como tecnologia cognitiva em textos de divulgação científica**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, p. 73, 2019. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4650/1/CT_PPGEL_M_Silva%2C_Carlos_Eduardo_da_2019.pdf. Acesso em: 21 de abril de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.